

flechas de fúria
império – livro dois
anthony riches

Tradução de Jorge Colaço



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*Para Dorothy e Edwin,
com todo o meu amor*

AGRADECIMENTOS

ESCREVER O SEGUNDO LIVRO DA SÉRIE *IMPÉRIO* HAVERIA DE SER SEMPRE mais difícil do que o primeiro, e não apenas por causa de uma súbita e necessária imposição de um prazo final em oposição à abordagem mais tranquila que foi possível com o primeiro. Escrever um primeiro romance foi, para mim, uma atividade alimentada pela aspiração e a ambição, enquanto o parto da sequência foi marcado pela adição de uma boa dose de nervosismo à mistura. Toda a gente tem um romance dentro de si, ou assim se costuma dizer, mas desde o momento em que soube que tinha vendido três, a grande questão na minha cabeça era se conseguiria até entregar uma segunda história comercialmente aceitável. Claro que sabia a história de fundo que acompanharia Marcus através de décadas da difícil transição do império para o governo de Septimius Severo, e o reinado desse controverso imperador, mas conseguiria eu realmente escrever uma história sobre os meses que se seguiram à batalha da Águia Perdida?

A resposta, para meu alívio (e uma boa porção de revirar de olhos dos que me são mais próximos), foi sim, conseguiria. Ter chegado ao fim de *Flechas de Fúria* deve-se primordialmente ao auxílio das pessoas-chave usuais no lado da escrita da minha vida. Em primeiro lugar, e acima de tudo, a minha parceira Helen disse-me, em termos que não ofereciam dúvidas, para parar de me preocupar e continuar em frente, e obrigou-me a escrever quando a apreciação de carros na Internet me prendia mais a atenção do que as 500 palavras seguintes. A minha agente Robin Wade disse praticamente a mesma coisa, embora no seu habitual estilo arejado e convivial, e a minha editora Carolyn Caughey gentilmente assinalou o que era necessário para transformar o meu primeiro esboço do manuscrito num segundo esboço que realmente funcionasse, e jamais me deixou acreditar

que me poderia safar com alguma coisa do tipo quase bom. A assistente de Carolyn, Francine Toon, esteve sempre à mão com ajuda pronta e eficaz quando necessário.

Diversas pessoas, especialistas no período, prestaram-me um valioso auxílio factual. Adrian Wink, fornecedor de equipamento militar romano autêntico em www.armamentaria.com, ajudou-me ao mesmo tempo com material com que brincar e com a sua visão sobre a sua manutenção e transporte pelos soldados da época, e equipou-me para o passeio de benemerência que anunciarei mais adiante. John Conyard do Comitatus (www.comitatus.net) foi amável o suficiente para deixar de derrubar soldados com o seu cavalo em Maryport para me dar uma nova perspetiva sobre os arqueiros romanos. Pete Noons e a Roman Military Research Society (www.romanarmy.net) foram hospitaleiros e prestáveis, e demonstraram o seu equipamento simultaneamente com zelo e verificável entusiasmo. O Dr. Jon Coulston deu-me algumas valiosas perspetivas acerca da realidade do arqueiro sírio na Britannia do século II, e desmontou de uma vez por todas os mitos acerca de homens com longas saias, e o livro excelente e erudito do Jon e do Dr. Mike Bishop, *Roman Military Equipment*, é leitura recomendada para qualquer pessoa interessada no assunto.

Por fim, o rascunho manuscrito foi testado por algumas pessoas, nomeadamente Paul Browne e David Mooney, e as suas contribuições críticas foram de grande valia ao salientarem alguns pontos que poderiam ser melhorados.

Robin Wade e eu planeámos fazer uma caminhada pela Muralha de Adriano numa ação de benemerência quando o livro fosse publicado, e escolhemos Help for Heroes (www.helpforheroes.co.uk), uma organização que põe em destaque tanto o pior como o melhor na atitude da Grã-Bretanha para com as suas forças armadas. Se estiver interessado em ler mais acerca do passeio, vá, por favor, ao meu *site* na Internet (www.anthonriches.com), onde pode encontrar mais detalhes.

 MURALHA DE ADRIANO

 FORTE

 TRÊS MONTANHAS

FORTE DOS
TEIXOS



MURALHA DE ADRIANO

AD181

rio Verm

RIO
VERMELHO

RIO
ESTREPITOSO

FORTE
COCIDIUS

PICO
ROCHOSO

FREIXO

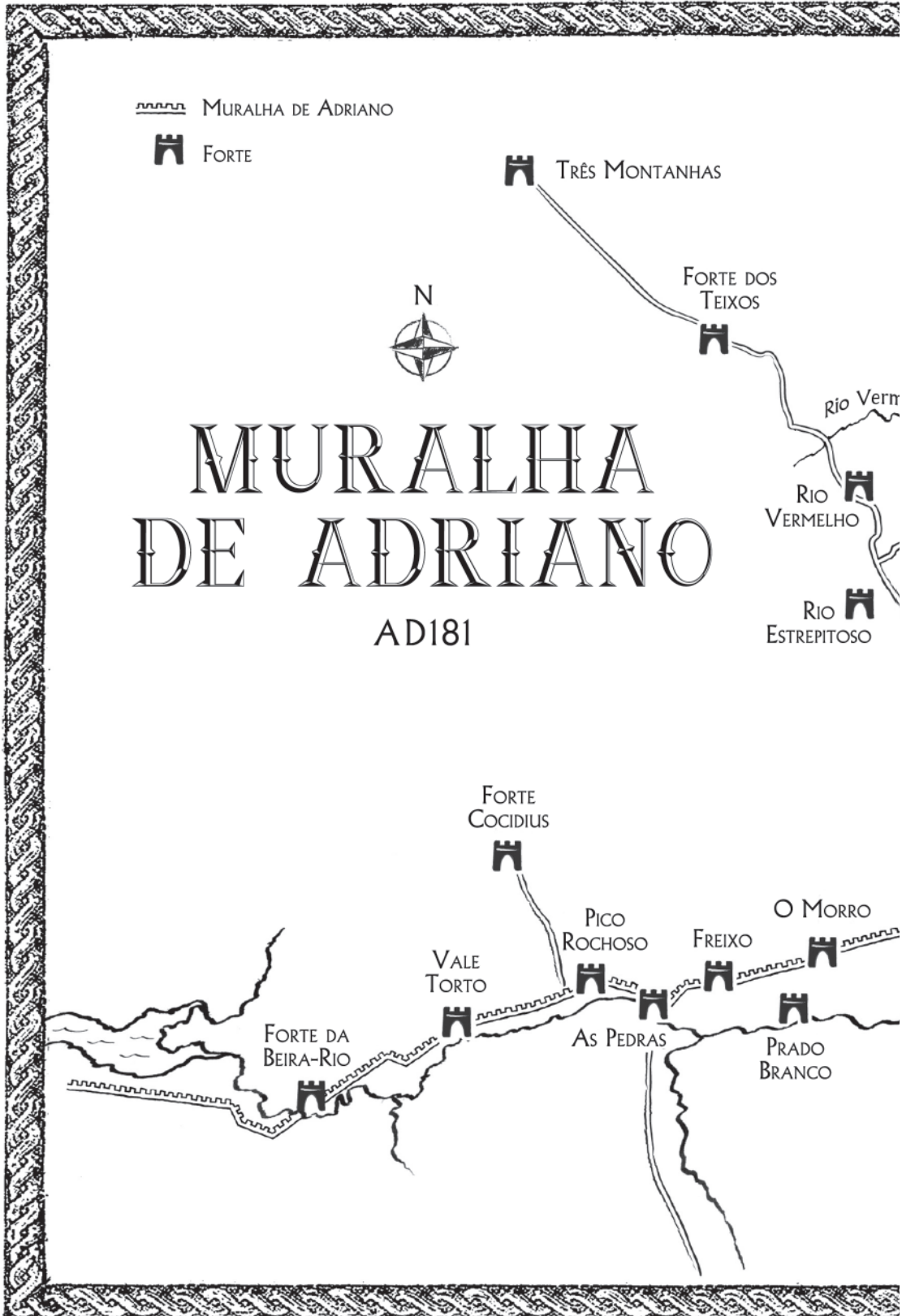
O MORRO

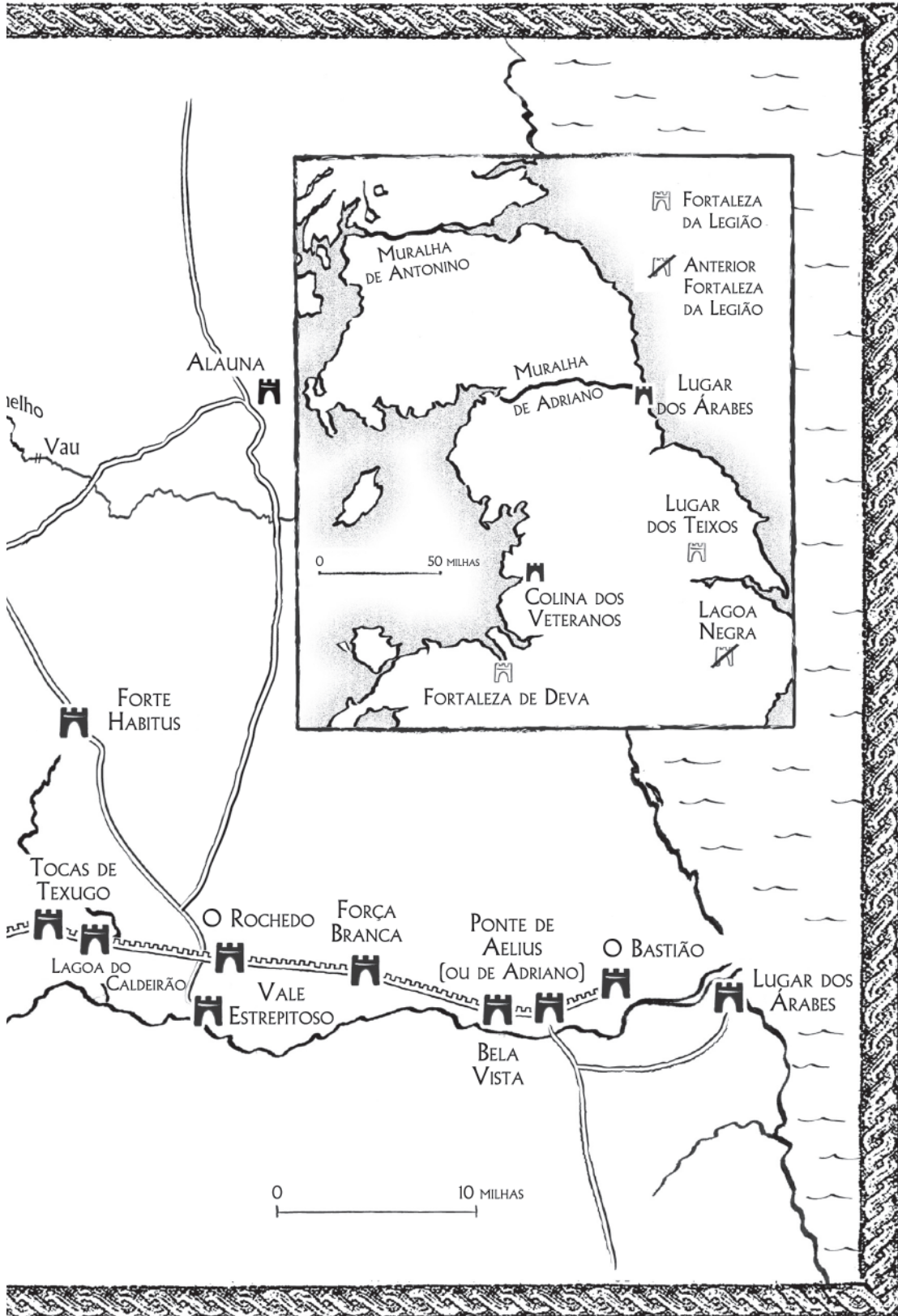
VALE
TORTO

AS PEDRAS

PRADO
BRANCO

FORTE DA
BEIRA-RIO





O EXÉRCITO ROMANO NO ANO 182

NOS FINAIS DO SEGUNDO SÉCULO, O PONTO EM QUE A SÉRIE *Império* começa, o Exército Imperial Romano há muito evoluíra para uma organização estável com um estável *modus operandi*. Cerca de trinta legiões (existe ainda alguma discussão acerca do destino da 9.^a Legião), cada uma com a força de 5500 legionários, formavam a espinha dorsal de infantaria pesada de um exército com 165 000 homens, enquanto cerca de 360 coortes auxiliares (cada uma delas equivalente a um batalhão de infantaria ou um regimento de cavalaria) forneciam mais 217 000 soldados para a defesa do império.

Posicionadas sobretudo nas províncias fronteiriças do império, estas forças desempenhavam duas tarefas principais. Ao mesmo tempo que ostensivamente providenciavam um forte meio de defesa contra ataques exteriores, o seu papel era igualmente manter o domínio de Roma nos mais desafiantes territórios ocupados do império. Não era por coincidência que se considerava que as províncias problemáticas da Bretanha e da Dácia precisavam de 60 e 44 coortes auxiliares respetivamente, quase um quarto do total disponível. Deve notar-se, contudo, que, enquanto a sua missão estratégica geral era a mesma, os termos do serviço sob as duas metades do exército eram bastante diferentes.

As legiões, a unidade militar romana primordial para conduzir a guerra no plano operacional ou posicional, existia desde os primeiros tempos da República, havia centenas de anos. Eram compostas principalmente por formações de infantaria pesada, bem treinadas e altamente motivadas, recrutadas em bases profissionais e, essencial para se compreender o seu lugar na sociedade romana, constituídas por soldados que eram cidadãos romanos. Os pobres sem trabalho eram assim providos com uma via, quer

para a cidadania, quer para um ofício valioso, uma vez que servir nas legiões tinha tanto que ver com construção — fortes, estradas, e até obras de maior significado defensivo, como a Muralha de Adriano — como com destruição. Vital para a manutenção das fronteiras do império, esta atratividade do serviço tornou possível um grande exército permanente, e permitiu quer o controlo, quer a defesa dos territórios conquistados. Neste ponto da história da Britannia, foram posicionadas três legiões para controlar os povos rebeldes de um lado e do outro das fronteiras da província. Eram a 2.^a, baseada no Sul de Gales, a 20.^a, frente ao Norte de Gales, e a 6.^a, colocada para leste da cordilheira dos Peninos e pronta para responder a qualquer problema na fronteira norte. Cada uma destas legiões era comandada por um *legatus*, um homem experiente de categoria senatorial considerado merecedor da responsabilidade e nomeado pelo imperador. A estrutura de comando abaixo do *legatus* era um delicado equilíbrio, combinando a exigência de treino e preparação de jovens aristocratas romanos para os seus futuros cargos com a necessidade de a legião ser dirigida em batalha por oficiais duros e experimentados.

Diretamente abaixo do *legatus* havia cerca de meia dúzia de tribunos militares, um deles um jovem de classe senatorial chamado «tribuno de faixa larga» devido à larga faixa senatorial da sua túnica. Este homem relativamente inexperiente — seria o seu primeiro cargo oficial — agia como segundo comandante da legião, apesar de ter uma idade relativamente tenra quando comparada com os homens que o rodeavam. Os restantes tribunos militares eram «faixas estreitas», homens da classe equestre que habitualmente tinham já alguma experiência de comando na liderança de uma coorte auxiliar. Curiosamente, uma vez que os tribunos de faixa estreita, mais experientes, efetivamente reportavam ao de faixa larga, essa inversão das habituais convenções militares em relação à aptidão de comando deve ter criado algumas situações interessantes de gestão de pessoal. O terceiro na cadeia de comando de uma legião era o prefeito do campo, um soldado mais velho e mais experiente, usualmente um antigo centurião considerado merecedor de um último cargo ao serviço da legião antes da reforma, normalmente durante um ano. Seria necessariamente um auxiliar precioso, funcionando como a voz da experiência no aconselhamento dos oficiais superiores quanto às realidades da guerra e da gestão dos soldados da legião.

Respondendo a esta estrutura de comando havia dez coortes de soldados, cada uma composta por centúrias de oitenta homens. Cada centúria

era uma coleção de dez contubérnios — oito homens que, literalmente, compartilhavam uma tenda quando estavam fora, no campo. Nove das coortes tinham seis centúrias, e uma força estabelecida de 480 homens, ao passo que a prestigiosa primeira coorte, comandada pelo centurião mais velho da legião, era composta por cinco centúrias com força dobrada e, por conseguinte, reunia 800 soldados, quando completamente guarnecida. Esta organização fornecia à legião a sua linha da frente: cerca de 5000 soldados de infantaria pesada, bem treinados, organizados num regimento e unidades com dimensão de companhias, e chefiadas por oficiais endurecidos pela batalha, centuriões da legião, homens cuja posição era usualmente conseguida por força das suas comprovadas capacidades de liderança.

O posto de centurião era o auge de realização de um soldado ambicioso, comandando uma centúria de oitenta homens e recebendo como pagamento dez vezes mais do que os homens comandados por cada oficial. Ao passo que a maioria dos centuriões eram promovidos de posto, alguns eram nomeados de cima em resultado de patrocínio, ou em consequência de terem completado o serviço na Guarda Pretoriana, que tinha um período de serviço mais curto do que as legiões. Que estes centuriões impostos do exterior passariam o seu próprio momento de «afunda-te ou nada» ao lidar com os seus novos colegas é uma conclusão inevitável, pois a função era necessariamente liderada a partir da frente, e como consequência sofria baixas desproporcionadas. Isto torna altamente provável que qualquer nomeado deste género, que fosse achado improvável ser bem-sucedido em ação, teria recebido muito pouca atenção dos seus irmãos oficiais.

Uma equipa, pequena mas necessariamente eficaz, respondia ao centurião. O *optio*, literalmente «o melhor» homem, ou «o escolhido», era o segundo na cadeia de comando, e ficava atrás da centúria em ação com um longo bastão de metal, empurrando literalmente os soldados para a luta caso fosse necessário. Isto parece ter sido uma forma notavelmente eficaz de gerir um grande corpo de homens, dado o lugar do centurião ao lado, e não atrás, dos seus soldados. E o *optio* terá sido um tipo de cabeça fria, que recebia o dobro do salário habitual do soldado, e era candidato à promoção a centurião, se se saísse bem. O terceiro na cadeia de comando de uma centúria era o oficial da guarda ou da vigia, ostensivamente encarregado de garantir que as sentinelas eram colocadas e que todos soubessem a senha de vigilância do dia, mas é provável que fossem também responsáveis por uma profusão de tarefas, que ocupavam as vidas dos oficiais subalternos mais novos ao longo da história, de forma a garantir a apresentação de uma

unidade de combate eficaz ao seu oficial. O último membro da equipa do centurião era o porta-estandarte da centúria, que tanto fornecia um ponto de reunião dos soldados como ajudava o centurião, transmitindo ordens quanto à marcha através da movimentação do estandarte. Curiosamente, funcionava também como banqueiro da centúria, lidando com as questões financeiras dos soldados. Ao mesmo tempo que um soldado apanhado no horror da batalha poderia pensar duas vezes sobre defender o estandarte da sua unidade, poderia também sentir uma ligação mais forte ao homem que geria o seu dinheiro!

No patamar mais baixo estavam os oito soldados do contubérnio que compartilhavam uma tenda de couro e armavam barafunda em conjunto, carregando a tenda e o material de cozinha numa mula, quando a legião estava em movimento. Cada contubérnio teria inevitavelmente estabelecido a sua própria ordem hierárquica, baseada em fatores consagrados pelo tempo como a força, agressividade, inteligência — e o humor áspero requerido para sobreviver num mundo tão duro. Os homens que acabavam por dominar os seus contubérnios devem ter constituído a verdadeira coluna vertebral da centúria, candidatos à promoção a oficiais da guarda. Devem ter sido também cruciais para a coesão dos seus companheiros de tenda no campo de batalha, uma vez que o grupo de liderança, relativamente reduzido, nem sempre conseguia estar suficientemente presente para inspirar o soldado individual a manter-se de pé e lutar no meio do caos horroroso do combate.

O outro elemento da legião era um pequeno destacamento de cavalaria, com 120 homens, utilizado para o reconhecimento e o transporte de mensagens entre unidades. O exército regular dependia de alas de cavalaria auxiliar, trazida daqueles pontos do império onde a equitação era uma forma de vida para o seu braço de combate montado. O que nos leva a considerar o outro lado do sistema de dois níveis do exército. As coortes auxiliares, ao invés das legiões ao lado das quais combatiam, não eram formadas por cidadãos romanos, embora a realização de vinte e cinco anos de serviço assegurasse a cidadania, tanto ao soldado como aos seus filhos. As coortes auxiliares originais tinham muitas vezes servido nas suas terras de origem, como forma de controlar a ameaça de grandes quantidades de guerreiros bárbaros recém-conquistados, mas isso mudou depois dos acontecimentos do primeiro século depois de Cristo. A revolta batava em particular — quando as coortes batavas, com a força de 5000 homens, se rebelaram e destruíram duas legiões romanas

depois de sofrerem provocações intoleráveis durante uma campanha de recrutamento que correu mal — constituiu o impulso para a política flaviana de colocação destas coortes longe das suas regiões de origem. A última coisa que qualquer general romano queria era encontrar as suas legiões perante um exército equipado e treinado para combater da mesma forma. Esta é a razão pela qual o leitor vai encontrar, na série *Império*, as coortes auxiliares descritas, de forma fiel ao registo histórico, representando uma variedade de outros pontos do império, incluindo a Tungria, que é agora parte da Bélgica dos tempos modernos.

A infantaria auxiliar estava equipada e organizada de modo tão semelhante ao das legiões que um observador casual teria tido dificuldades em detetar as diferenças. Com frequência, as suas armaduras seriam de malha em vez de placas, por vezes as armas apresentariam diferenças insignificantes, mas na maior parte dos aspetos uma coorte auxiliar constituiria a mesma proposta para um inimigo do que uma coorte da legião. Na verdade, existem indicações históricas de que as auxiliares podem ter representado um desafio maior no campo de batalha. Na batalha de Mons Graupius, na Escócia, Tácito regista que quatro coortes de batavos e duas de tungros foram enviadas à frente das legiões e conseguiram derrotar um inimigo sem precisarem de auxílio significativo. As coortes auxiliares eram também muitas vezes usadas nos flancos da linha de batalha, onde tropas fiáveis e bem treinadas são essenciais para lidar com tentativas de rodear o exército. E, enquanto as legiões continham soldados que eram tão mercadores como combatentes, as coortes auxiliares estavam primordialmente centradas nas suas aptidões de combate. Pelo final do século II havia significativamente mais soldados auxiliares a servir o império do que os disponíveis nas legiões, e é claro que a Muralha de Adriano teria sido inválida como conceito sem a massa de infantaria e as coortes mistas de infantaria/cavalaria estacionadas ao longo da sua extensão.

Quanto à cavalaria, a importância dos cerca de 75 000 cavaleiros auxiliares do império, capazes de posicionar-se e manobrar mais rapidamente do que a infantaria, e essenciais para um patrulhamento bem-sucedido, comunicações mais rápidas e a negação de informação de reconhecimento ao inimigo, não pode ser exagerada. Roma pura e simplesmente não produziu nada de semelhante em tropas montadas necessárias para evitar não ficar em séria desvantagem contra aquelas nações que, pela sua natureza, eram ricas em cavalaria. Como consequência, à medida que cada uma dessas nações era conquistada, as suas forças montadas eram rapidamente

incorporadas no exército até ter sido tomada a decisão, no início do século I a. C., de dissolver por completo a cavalaria romana nativa existente, em favor das alas de cavalaria auxiliares.

Nomeadas pelo seu lugar habitual no campo de batalha, nos flancos, as coortes de cavalaria eram comandadas por homens da classe equestre com experiência anterior como tribunos militares da legião, e estavam organizadas em torno da *turma* básica de 32 homens, ou esquadrão. Cada esquadrão era comandado por um decurião, uma posição análoga à do centurião de infantaria. Este oficial era assistido por dois oficiais mais novos: o de salário a dobrar, equivalente ao papel do *optio*, e o de um salário e meio, de estatuto idêntico ao oficial da guarda na infantaria. Como convinha ao papel militar mais importante da cavalaria, cada um destes postos era pago cerca de 40% mais do que o equivalente na infantaria.

Consideradas em conjunto, as legiões e o seu apoio auxiliar representavam um exército de mais de 400 000 homens ao tempo dos acontecimentos descritos nos três primeiros títulos da série *Império*. Ao mesmo tempo que isto foi o suficiente quer para manter quer para defender os 6,5 milhões de quilómetros quadrados durante um longo período da história, os constrangimentos de defender uma fronteira com 5000 quilómetros de extensão, assediada por todos os lados por tribos hostis, estavam também a fazer-se sentir. A solução expedita de formar três novas legiões, empreendida pelo novo imperador Septimius Severo, em 197 d. C., em prontidão por mais de uma década passada a escorar as fronteiras a desmoronar-se do império, fornece provas claras de que nunca havia legiões e coortes suficientes para tarefa tão monumental. Este é o pano de fundo da série *Império*, que se estende desde 182 d. C. até ao início do século III, seguindo quer as agruras do império quer as de Marcus Valerius Aquila ao longo deste fascinante e brutal período da história.



Setembro, 182

OS CENTURIÕES TUNGROS JUNTARAM-SE EM VOLTA DO SEU LÍDER no calor do sol da tarde, compartilhando um último momento de calma antes de começar a luta. Marcus Tribulus Corvus piscou o olho ao seu amigo e antigo escolhido, Dubnus, agora centurião da 9.^a Centúria, que Marcus comandara anteriormente, e depois deu uma pequena cotovelada no homem mais velho que estava a seu lado, de atenção fixada nas fileiras de soldados equipados na encosta atrás deles.

— Para de perder tempo a olhar para esses legionários, Rufius, agora és um tungro, gostes ou não.

Rufius captou o seu sorriso irónico e a inclinação de cabeça na direção de Julius, o centurião mais velho do destacamento, e apanhou a deixa.

— Não consigo evitar, Marcus. Ver todos estes soldados profissionais de pé à espera da batalha leva-me de volta aos tempos em que eu me perfilava diante deles com uma vara de vime. E também é a minha antiga coorte...

Julius desviou-se do escrutínio do objetivo deles e lançou um olhar carrancudo a ambos, com um exaspero que apenas em parte era fingido. Rufius devolveu a cotovelada a Marcus, abanando a cabeça com solenidade.

— Ora, irmão, sejamos justos com o nosso colega e deixemo-lo em paz. Não é culpa dele que tenha demorado a manhã inteira e metade da tarde para dispor dois mil homens e colocar umas quantas balistas em posição. Mesmo que as minhas tripas estejam a rosar como um cão e tenha suor suficiente a correr-me pelas pernas para ficar com as botas empapadas durante uma semana.

Dubnus inclinou-se e deu algumas palmadas no ombro do centurião veterano.

— Acho que vais descobrir que, nesta coorte, chamamos «mijo» a essa coisa húmida, Avô.

O homem mais velho sorriu com tolerância.

— Muito bem, Dubnus. Concentra-te apenas em pôr os teus rapazes em ação como centurião pela primeira vez, e eu preocupo-me acerca de ser ou não capaz de aguentar a minha bexiga durante um combate, pela quinquagésima vez. Jovens, hein, Julius?

Julius, tendo voltado ao seu estudo das defesas que assomavam adiante deles, replicou num tom de voz cansado que traía a sua frustração crescente com a espera prolongada frente ao forte tribal da colina, que em breve iriam tentar invadir.

— Posso sugerir que mantenham a porra do bico calado, dado que parece que iremos realmente atacar em breve? Assim que aqueles idiotas tenham saído de cima da muralha, avançaremos nós... e prontos para o nosso papel de estrelas na grande vitória do Tribuno Antonius sobre a tribo Carvetii. Quando vos mandar para as vossas centúrias, preparem os vossos homens para avançar, repitam as vossas ordens a todos eles uma última vez, e lembrem-se de manter as vossas malditas cabeças para baixo assim que nos pusermos em movimento.

Julius lançou um olhar depreciativo às baterias de balistas alinhadas ao longo das suas quatro centúrias, às suas guarnições suadas que labutavam nos guinchos das armas, colocando as pesadas cordas em posição de disparar. Repuxou a correia do elmo, a e crista longitudinal que o assinalava como centurião agitou-se ao vento quando se virou para olhar o forte amuralhado de madeira diante deles.

— Não confio naqueles sacanas preguiçosos para apertarem bem e não deixarem cair projéteis ocasionalmente. E quando realmente atacarmos, deixem-me recordar-vos uma última vez que o nosso objetivo é entrar e tomar o primeiro bastião. Apenas isso, e só isso. O Tribuno Antonius foi clarinho como a água acerca disso.

Marcus conseguiu manter uma cara séria, apesar do sorriso conhecedor de Rufius. Era um segredo bem conhecido entre os oficiais da expedição da 6.^a Legião contra a tribo rebelde dos Carvetii que o tribuno senatorial da legião, o número dois na cadeia de comando do *legatus*, estava desesperado por provar, antes que terminasse o seu curto mandato naquele cargo, que estava pronto para comandar a sua própria legião e abrir caminho para outro aspirante a general.

— Assim que o caminho para o segundo portão estiver desobstruído,

deixamos passar os legionários para fazerem o que lhes compete, entendido? Assim, removam qualquer resistência por detrás da primeira muralha e depois retenham os vossos homens lá. Nada de fúrias, e nada de tentar ganhar a coroa da fortificação. Não que qualquer um de nós alguma vez seja favorecido com duas coortes de regulares, todos a competir pela honra. Assim que tivermos feito a nossa parte, mandarei os malditos cantoneiros para a frente e eles que façam o resto.

Os oficiais aglomeraram-se em volta dele, virados para observarem quando a bateria de balistas à direita dos seus soldados soltou uma sarai-vada de três projéteis para a paliçada de madeira mais exterior do forte da colina, a cerca de duzentos metros das fileiras dos seus soldados. A tão curta distância, as guarnições das armas tiravam pleno partido da precisão das suas armas, e outro dos guerreiros bárbaros que enchiam as muralhas de madeira do forte foi arrancado pelo poder selvagem do projétil, muito provavelmente já morto antes de atingir o chão por detrás da paliçada. Um momento depois, os restantes defensores baixaram-se para ficarem a coberto sob as grossas vigas de madeira do forte, e as guarnições da artilharia exibiam com um sorriso a sua satisfação, enquanto o oficial lhes gritava para voltarem às manivelas dos guinchos e se prepararem para disparar novamente. Julius assentiu com a cabeça.

— Está feito; baixaram a cabeça. Voltem para as vossas centúrias.

Os quatro centuriões fizeram-lhe uma saudação e afastaram-se, dirigindo-se aos seus lugares nas duas colunas de infantaria auxiliar que esperavam dos dois lados do pesado aríete de madeira que era essencial para realizarem a tarefa de entrarem no forte da colina. Dubnus, o líder da centúria que chefiava a coluna da direita, um jovem centurião alto e largo de ombros com a compleição de um atleta e uma grande barba negra, falou rapidamente com o seu escolhido, que, por sua vez, enviou os oficiais da guarda da centúria fazerem uma última verificação de que todos os homens estavam prontos para combater. Enquanto eles se debatiam com a armadura e as armas para o momento decisivo, Dubnus gritou as ordens da centúria ao longo das fileiras, repetindo a ordem de Julius para tomarem o primeiro parapeito e depois aguentarem, de modo a permitir que as legiões passassem com a tarefa que lhes fora confiada realizada. Isso feito, desembainhou o gládio e apanhou um escudo que deixara no chão diante dos seus homens, sorrindo de lado para Marcus, que se erguia em posição de à vontade a seu lado, à frente da centúria, com o elmo suspenso de uma mão.

— Quando recebi a minha vara de vime no mês passado, assumi que nunca mais teria de carregar um escudo outra vez em toda a minha vida...

Os olhos do seu amigo cintilavam com a perspectiva da ação iminente. Era tão alto quanto Dubnus, e se o seu corpo era menos maciço em termos de estrutura, ainda era impressivamente musculado devido aos meses de incessante preparação desde que se juntara à coorte, na primavera. O seu cabelo era negro como a asa de um corvo, e os seus olhos castanhos estavam implantados num rosto de pele mais escura do que era habitual nas coortes recrutadas localmente. Uma longa espada de cavalaria estava embainhada na sua anca esquerda, enquanto o gládio de infantaria, mais curto, estava na sua mão direita. A extremidade ornamentada do cabo, exibindo uma cabeça de águia, reluziu ao sol da tarde, com o intrincado trabalho de prata e ouro polido até obter um brilho ofuscante.

— ... e no entanto aqui estás tu, erguendo um pedaço de madeira pintada outra vez como se ainda estivesses nas fileiras? Talvez fosse melhor avançar apenas com a tua vara de vime como proteção, hein, Dubnus?

— Não, eu aguento o fardo por esta vez; obrigado, Marcus. Aqueles idiotas de nariz-azul não vão ficar de cabeça em baixo durante muito tempo, e assim que passarmos o portão vão arremessar tudo contra nós, exceto as gamelas da água. Agora, tens a certeza de que não queres levar a Nona Centúria para a frente uma última vez?

O amigo abanou a cabeça, indicando com um gesto a fila da frente da centúria disposta atrás dele.

— Não, obrigado. Estes são os teus homens, agora. Vou só acompanhar pelo passeio. Depois de ti, *Centurião*.

Um súbito zurrar de trombetas retesou-lhes as costas, chamando à prontidão as centúrias à espera da ordem inevitável. Marcus puxou o seu elmo, as feições subitamente tornadas anónimas pelas linhas brutais das proteções da face, depois pegou no seu próprio escudo.

— Infantaria, avançar!

Da cabeça da coluna do lado esquerdo, Julius virou-se para trás de forma a encarar os seus homens, desembainhando a sua espada e apontando-a ao forte.

— Tungros... *avançar!*

À sua ordem, as duas colunas do destacamento marcharam firmemente para diante, pelo suave declive que ia dar ao forte empoleirado no alto da colina, bem acima do vale abaixo. Três lados da posição onde estava o forte eram totalmente inexpugnáveis, devido aos declives íngremes, florestados e

escarpados, que se precipitavam do pináculo para norte, sul e este. A única aproximação possível ao forte da colina era pelo oeste, onde uma cumeeira plana e sem árvores obliquava para se encontrar com a colina, na qual estavam reunidas duas coortes da legião e respetiva artilharia de apoio, prontas para seguir o avanço dos seus tungros auxiliares. Debruado de ambos os lados pela floresta selvagem de carvalhos e bétulas, que tornavam a íngreme aproximação ao forte tão difícil, com o espaço sob o arvoredo carregado de azevinhos, amieiros e aveleiras que o tornava praticamente intransitável, o largo caminho da cumeeira conduzia, a direito como uma flecha, até aos portões maciços do forte. Só aqui existia qualquer perspectiva realista de o avanço de um atacante não poder esperar outra coisa senão ser desastrosamente repellido, mas, em antecipação de tão óbvia abordagem, os ocupantes do forte tinham construído havia muito uma série complicada de defesas ao longo da face ocidental do forte. Três paliçadas sucessivas de barrotes de grossa madeira defendiam o ponto mais interior do forte, o cume plano da colina.

Os tungros encolhiam-se por detrás dos seus escudos à medida que o parapeito da madeira do forte avultava diante deles, lançando olhares nervosos ao trinta bárbaros de compleição maciça que caminhavam resolutamente entre eles. Um aríete de ponta de ferro, fabricado com um tronco de árvore cortado na floresta circundante, estava suspenso entre as duas filas de prisioneiros, e oscilava para a frente e para trás à medida que marchavam pelo declive da cumeeira. Cada par de homens dos dois lados do aríete estava acorrentado pelo pulso, com as correntes enroladas em volta do tronco de árvore para eliminar qualquer hipótese de fuga, e todos os homens estavam nus da cintura para cima, enquanto um centurião da legião e uma dúzia de soldados de rosto duro marchavam ao lado deles num silêncio sombrio e com as espadas desembainhadas. O oficial da legião vociferou uma ordem para o silêncio opressivo que saudava o avanço deles.

— Quando alcançarmos o portão, vocês, bárbaros miseráveis vão balançar esse aríete como se as vossas vidas dependessem disso. O que é um facto!

Esperou um momento para permitir aos homens dentre eles que falavam algum latim que traduzissem as suas palavras para os outros.

— Quando a porta se entreabrir serão desacorrentados, e depois avançarão para o interior do forte e atacam os defensores com qualquer arma em que consigam pôr as mãos. Qualquer homem que fuja, será morto pelos soldados que estiverem ao vosso lado ou por trás, sem nenhuma

hesitação; por isso, se pensarem que isso é melhor opção do que passar os portões, pensem duas vezes. Aqueles de vós que sobreviverem ao ataque serão libertados para regressarem às vossas aldeias com o vosso segundo ferrete.

Alguns dos homens baixaram os olhos para a marca cruamente queimada no antebraço direito, «C» de «captivus».

— Deixem-me recordar-vos que se decidirem fugir, e no caso improvável de conseguirem levar a vossa avante, a falta desse segundo ferrete para cancelar o primeiro vai valer-vos serem crucificados quando forem recapturados. E isso, meus rapazes, não é uma forma agradável de deixar esta vida. É de longe melhor morrer uma morte limpa aqui, ao sol, do que o sufoco do último fôlego em agonia, e com as costas rasgadas como uma peça de carne podre.

Dubnus deu um toque no seu amigo.

— Conserva os olhos abertos por eles assim que estivermos lá dentro. Tenho a certeza de que metade deles lutou contra nós na Águia Perdida, reconheci até um par deles, e ficarão provavelmente muito contentes se levarem um ou dois de nós com eles. Especialmente os que usarem cristas nos seus baldes de mijo, como tu e eu.

Marcus assentiu sombriamente enquanto a força atacante estacou em frente dos portões de madeira maciça.

— Arqueiros, preparar...

Olhou para trás, vendo a centúria de arqueiros sírios disposta atrás da pequena força deles, assumindo posições de onde fazer chover flechas sobre os parapeitos, se os defensores fossem suficientemente insensatos para se mostrarem. O centurião da legião que comandava os condenados que carregavam o aríete apontou para os portões, gritando a ordem para que iniciassem o assalto. Com um grunhido de esforço coletivo, os carregadores do aríete fizeram oscilar o tronco de árvore para trás, depois arremessaram-no para diante num ímpeto coletivo, o arco de ferro da extremidade embatendo nos madeiros dos portões com força destruidora, produzindo uma chuva de poeira que tombou sobre os soldados tungros da frente que esperavam ao lado deles. Um membro da tribo surgiu por detrás da muralha e levantou os braços para atirar uma pedra aos carregadores do aríete, mas caiu para trás com uma flecha no pescoço e uma dúzia mais pontilharam a parede de madeira da paliçada antes mesmo de o projétil ter deixado as suas mãos. Por mais duas vezes, o aríete foi balançado para trás e embatido contra a madeira rangente do portão, e à quarta investida o portão

da esquerda cedeu, pendendo estafado para o chão, pronto para cair. Julius vociferou uma ordem para trás, para o silêncio expectante.

— *Tungros, esperem pela minha ordem...*

A quinta colisão do aríete com as defesas do forte arrancou a porta da esquerda; os seus restos em pedaços voltaram a cair no espaço entre a primeira e a segunda paliçada do forte numa chuva de pó e estilhaços. Sem a força do seu apoio, o portão da direita cedeu, depois de mais dois golpes da ponta de ferro maciço do aríete, deixando o acesso aberto e vazio. Os guardas legionários, que estavam à espera, atiraram as chaves das correntes para os homens agrilhoados, pondo-se à espera, atrás dos seus escudos, com as espadas desembainhadas, enquanto os prisioneiros se libertavam do aríete. Alguns dos bárbaros recolheram as correntes para usar como armas, enquanto outros apenas olhavam para as tropas romanas reunidas a toda a volta numa combinação de ódio e puro terror. Depois de libertado o último, o centurião apontou a sua espada para o acesso.

— *Vão! Vão e conquistem a vossa liberdade!*

Por mais um momento, os prisioneiros hesitaram, até que um gigante de cabelos desgrenhados, que segurara de músculos contraídos o pesado nariz do aríete, bradou em desafio e avançou de um salto para o interior do forte, desencadeando um uivo geral de ira e uma súbita carga enlouquecida dos homens atrás de si. Quando os últimos bárbaros desapareceram pelo acesso, Julius baixou a sua espada refulgente.

— *Avancem!*

As quatro centúrias trotaram rapidamente em direção à abertura deixada pelo portão esmigalhado, encolhendo-se involuntariamente quando as balistas, na colina por detrás deles, cuspiram mísseis pesados sobre as suas cabeças, numa salva de ferro estridente. Enquanto Marcus rodeava o acesso e passava por cima dos estilhaços de madeira dos portões tombados, um homem em queda ressaltou da paliçada em frente dele e embateu no chão num triturar abafado de ossos despedaçados, com um projétil profundamente enterrado no peito. Avançou e, num ato reflexo, golpeou a cabeça do homem para garantir que morria mesmo, depois olhou de cima a baixo a face curva da muralha interior. Parecia não existir nenhum outro alvo para sua súbita necessidade urgente de espetar a sua lâmina noutra inimigo, apenas os prisioneiros bárbaros seminus a vaguear por entre as muralhas para ambos os lados e uns quantos cadáveres dispersos dos primeiro alvos das balistas. Sobressaltou-se quando um ressoou um grito desde o parapeito à sua retaguarda, sentindo-se de repente terrivelmente

vulnerável a fosse o que fosse que estivesse a acontecer acima e atrás de si. Erguendo instintivamente o escudo ao mesmo tempo que rodava para ficar virado para a muralha mais exterior, sentiu um baque estridente quando um dardo destinado às suas costas apenas encontrou o centro de ferro do seu escudo. O atirador uivou de frustração pelo falhanço, depois cambaleou para fora da muralha e deu meia cambalhota para o chão com uma flecha enterrada no pescoço, o preço de estar de pé para fazer o tiro.

Um lampejo de movimento chamou a atenção de Marcus, uma multidão de uma centena ou mais de bárbaros que fluíam em redor da muralha interior do forte, agitando espadas e machados no ar enquanto carregavam em direção aos seus atacantes com uivos de fúria. Atalharam através dos prisioneiros bárbaros sem misericórdia, com a noção clara da necessidade de os seus antigos aliados se redimirem através da vitória e não correndo riscos em relação à sua lealdade. Fosse qual fosse a razão, fizesse ela sentido ou não, os defensores tinham empenhado a maioria das suas forças para enfrentar o ataque dos tungros de cabeça erguida. Qualquer hipótese de que as coortes da legião sustivessem o impacto da batalha assim que os auxiliares tivessem quebrado a primeira linha de defesa do forte deixara já de ser uma realidade. Dubnus tinha visto a carga dos bárbaros e lançou-se para a frente gritando uma ordem que atravessou a confusão momentânea.

— Formem uma linha!

Uma boa parte da 9.^a Centúria já estava a passar pelo portão, e em segundos tinham erguido uma sólida parede de escudos no intervalo entre a primeira e a segunda paliçada, e as outras centúrias aglomeravam-se à sua retaguarda no espaço estreito entre as muralhas. A vaga de atacantes colidiu com eles, batendo na parede de escudos com espadas e machados, enquanto os tungros os mantinham à distância, ripostando com talentos muito exercitados, procurando desferir golpes mortais dirigidos às suas gargantas, barrigas e coxas. Preso detrás da linha, Marcus rodou o pescoço e viu o que estava a acontecer por trás dos enfurecidos defensores do forte. Enquanto olhava, o prisioneiro de constituição maciça que tinha encabeçado a primeira vaga de atacantes através do acesso ergueu-se de novo a uma dúzia de metros atrás do último guerreiro inimigo. A mancha vermelha na sua testa indicava que um dos defensores o tinha derrubado com uma cacetada sem tomar a precaução de verificar se o golpe tinha sido suficiente para o pôr fora de combate. Estava a apontar para qualquer coisa que estava fora do campo de visão de Marcus, na curva da parede interior, gritando palavras inaudíveis na cacofonia dos gritos e imprecações da batalha.

Num clarão de discernimento, Marcus percebeu para o que ele devia estar a apontar.

— O próximo portão...

Virou-se para Dubnus, apontando com urgência para a multidão de bárbaros que enxameava o outro lado da parede de escudos.

Embainhou a *spatha* e atirou o escudo para um lado, trepando agilmente pela tosca escada de madeira que conduzia à plataforma de combate na muralha de madeira, com um súbito ímpeto de energia, nascido da compreensão de que o caminho para o coração do forte fora deixado aberto por detrás da massa de guerreiros que se arremessavam contra os escudos dos tungros. Subindo para cima da estreita plataforma, olhou por um instante para a cumeeira, vendo as coortes da legião que esperavam ao sol da tarde e os seus estandartes que cintilavam gentilmente à luz do sol. Acenou para os arqueiros sírios com os punhos cruzados, o gesto combinado para indicar que a muralha estava tomada e o sinal para parar de disparar contra tudo o que mexesse ao longo da extensão da muralha. O centurião dos arqueiros respondeu ao aceno e bradou aos seus homens para ficarem quietos e um outro homem juntou-se a Marcus no parapeito, um rosto vagamente recordado da época em que comandara a 9.^a Centúria, no início daquele verão. Cruzaram olhares e, quando Marcus levantou uma mão para o intimar a descer da muralha atrás de si, um jorro quente de sangue do soldado atingiu-lhe os olhos. Um projétil pesado abriu-lhe a garganta com a precisão do escalpe de um cirurgião, e o sangue do homem correu pela couraça de malha de Marcus quando o soldado caiu pelos ares, em asfixia, tombando sobre os homens que combatiam em baixo. Um outro projétil esbarrou nos madeiros, uns centímetros abaixo do cimo da muralha, à altura exata do estômago de Marcus, e um terceiro passou-lhe a não mais de um palmo da cabeça, ficando espetado nos madeiros toscos da segunda paliçada. Outro soldado subiu à muralha e Marcus reconheceu Gilvaz, um soldado da 9.^a Centúria com pouco respeito pelos oficiais da coorte.

— O melhor é manter a porra da cabeça baixa, Centurião, ou aqueles totós da legião trespassam-na com um dardo, limpinho.

Marcus concordou, curvando-se abaixo do parapeito e chamando o outro homem com um gesto.

— Segue-me! — Correu pela linha do parapeito quase dobrado em dois, escorregando e quase caindo num pedaço de sangue ainda fresco, e olhou para trás para se assegurar de que os homens que tinham subido atrás dele o seguiam. A trinta metros do ponto da curvatura da paliçada

exterior onde ele subira, deixou-se cair da plataforma elevada a dois metros e meio para aterrar ao lado do prisioneiro maciçamente musculado, desembainhando ambas as espadas quando o homem falou com voz de baixo num latim atabalhado:

— Portão aberto. Nós fechamos, eles presos.

Marcus assentiu com a cabeça, gesticulando aos seus homens para saltarem para baixo.

— Como te chamas?

O bretão falou sem tirar os olhos do portão aberto.

— Lugos.

— Vem comigo, Lugos. Posso precisar de alguém que fale a língua e tu estarás mais seguro connosco do que ficando aqui. Se isto funcionar, serás um homem livre quando esta luta terminar.

O grande bárbaro anuiu brevemente, e Marcus levou o seu pequeno grupo ao longo da curva da paliçada interior até ao portão, ainda aberto apesar do óbvio risco para a segurança do forte. Marcus espreitou em volta da sua moldura de madeira, vendo um grupo de uma dúzia de guerreiros perfilados junto da abertura muito mais pequena da terceira e última muralha do forte. Puxou a cabeça para trás, falando rapidamente para os seus homens:

— Há apenas mais um portão. Ainda está aberto, e deixaram apenas alguns homens a guardá-lo. Já capturámos este, e se nós conseguirmos detê-los fechando aquele, ficamos com o forte à nossa mercê. Estão comigo?

Os três homens da 9.^a Centúria que o tinham seguido concordaram prontamente, Gilvaz olhando ameaçadoramente os seus camaradas de uma forma que eles conheciam muito bem, enquanto os outros três, de outras centúrias e por conseguinte menos habituados à sua forma de fazer as coisas, manifestaram no olhar um misto de incerteza e apreensão. Teria de ser feito. O bárbaro tinha arranjado uma lança algures e olhou-os de alto sem qualquer expressão visível.

— Muito bem, meus senhores, vamos lá conquistar um forte.

Lançou-se para diante, surgindo na soleira do portão de madeira, e gritou uma provocação aos guerreiros que guardavam o último portão, querendo que vissem o pequeno número de homens que avançavam ao longo da muralha na direção deles sem um único oficial a chefiá-los. Eles vacilaram por um instante, apanhados entre a necessidade de negar aos romanos o portão que tinham sido encarregados de guardar e a oportunidade de matarem inimigos, e nesse entretanto o rápido andamento destes

tinha encurtado para metade a distância entre eles. Olhando para trás, viu que apenas o bárbaro, os seus três antigos soldados e um outro homem se lhe tinham juntado, mas era demasiado tarde para fazer outra coisa que não enfrentar os guerreiros inimigos, subitamente confiantes ao perceberem que o seu número era superior ao dos seus atacantes romanos, numa proporção de dois para um, e avançaram de espadas na mão.

Ziguezagueando para a direita e para a esquerda, Marcus desviou o golpe de espada do guerreiro da frente com a longa lâmina da sua *spatha* e atingiu o homem fortemente com o ombro direito, empurrando-o para o meio dos homens por detrás dele e ganhando uma confusão momentânea, na qual o seu pequeno grupo poderia reunir forças. Rodopiando para longe do emaranhado de bárbaros, preparou-se para atacar outro guerreiro, mas viu Lugos saltar em cima do seu alvo com um uivo de fazer gelar o sangue, trespassando-lhe as entranhas com uma estocada da lança que encontrara e deixando-lha bem enterrada no corpo, tirando-lhe a espada dos seus dedos inertes. Ergueu a arma acima da sua cabeça e desferiu, de olhos esbugalhados com a sede de sangue, um golpe de cima para baixo sobre a cabeça desprotegida de outro guerreiro. Marcus desviou o olhar do espetáculo a tempo de deter, com a curta lâmina do seu gládio, um golpe de espada vindo da sua esquerda, rodando para a direita e desferindo uma cutilada com a pesada lâmina da *spatha* através da coluna do homem, decapitando-o numa chuva de sangue. O corpo sem cabeça tombou rigidamente para trás sobre as ervas. Os outros soldados tungros participavam agora no combate, agrupando-se sob a liderança de Gilvaz, e os guardas do portão ficaram abruptamente na defensiva ao verem que a sua força fora quase reduzida a metade.

Marcus olhou sobre eles para o último portão, sabendo que a sua inesperada maré de sorte poderia ainda acabar num impasse se os homens que continuavam lá dentro conseguissem fechá-lo. Os madeiros de mais de dois metros de altura da paliçada interior eram mais do que suficientemente robustos para suster os atacantes por tempo que chegasse para os ocupantes que restavam terem tempo de escapar por cima das muralhas do lado oposto do forte e descerem os declives íngremes que se internavam na floresta circundante, cujos trilhos secretos apenas eles conheciam.

— Gilvaz, aguenta-os! Tu... — apontou para o ofegante Lugos, indicando com o polegar o último portão — ... comigo!

O outro homem anuiu, compreendendo o objetivo do oficial romano, mesmo que não tenha compreendido as suas palavras, e os dois irromperam

por entre o emaranhado de homens a combater e desataram a correr para o portão. Um único homem correu através da abertura no momento em que eles a alcançaram, atraído pelo ruído da batalha, e morreu sobre a espada do bárbaro sem sequer ter entendido quão gravemente as defesas do forte estavam desfeitas, o cordão escorregadio das suas vísceras caindo através da parede rasgada do estômago quando Lugos o empurrou contra o para-peito de madeira e se lançou de novo sobre ele, empurrando a lâmina da espada pelo peito acima para lhe espetar o coração. Marcus irrompeu através do portão e deteve-se a avaliar a cena que tinha pela frente, de espadas empunhadas e pronto a lutar. Um espaço aberto coroava a crista da colina, talvez com uns cinquenta metros de diâmetro e rodeado por todos os lados pela derradeira paliçada de madeira. Um único salão construído em madeira erguia-se contra a parede oposta do recinto, e o espaço aberto entre o portão e o edifício estava guarnecido com grelhas de cozinha fumegantes e os restos espalhados da última refeição deles. Apenas um guerreiro estava cá fora e, quando Marcus se perfilou de respiração ofegante no acesso, gritou alguma coisa para a porta atrás dele. Um guerreiro de compleição maciça saiu a passos largos pela porta com um machete de combate numa das mãos e um escudo circular na outra, e o grosso torque dourado em volta do seu pescoço taurino sinalizava-o como o rei da tribo. Ficou imóvel por um momento, avaliando a súbita realidade da sua derrota, antes de partir em direção a Marcus num trote pesado com o seu guarda-costas a correr a seu lado.

O centurião olhou para o acesso por detrás dele, vendo que o prisioneiro era ainda o único homem a ter alcançado até agora as defesas inimigas. Espetou a longa lâmina da sua *spatha* nas ervas a seus pés, apontando para o portão e rasgando o ar com uma mão em cutelo.

— Destrói o portão!

Mesmo se perdesse este último combate, haveria tropas a chegar muito em breve, uma vez resolvida a batalha entre a primeira e a segunda muralha, e o último portão do forte tinha de ser mantido aberto se isso fosse importante. O bárbaro assentiu, elevando a pesada lâmina da espada até às dobradiças de madeira mais altas do portão num corripio de golpes, e Marcus arrancou a sua *spatha* da terra e virou-se, vendo o comandante do forte e o seu companheiro a menos de dez metros de distância. Apontando para o bárbaro prisioneiro, o homenzarrão grunhiu uma ordem, fixando os olhos em Marcus enquanto o seu guarda-costas rodeava cautelosamente o oficial romano e corria para o prisioneiro de

espada erguida bem alto. Com um ronco de raiva, o chefe avançou para atacar o jovem centurião, carregando sobre ele com o machete, e o ataque selvático não deixou a Marcus outra opção senão a de retroceder para fora de alcance do arco sibilante da lâmina. Pelo canto do olho, vislumbrou o guarda-costas do homem em luta com o prisioneiro bárbaro num rodopiar de lâminas, ambos quase equivalentes perfeitos em termos de habilidade e força. O chefe avançou e atacou novamente, varrendo o machete horizontalmente em direção à barriga de Marcus num golpe de mão virada que lhe deitou a espada por terra e lhe tocou seriamente a couraça de malha, fazendo-o cambalear para trás, impulsionado pela força do golpe apesar de a cota de malha ter impedido a lâmina de penetrar. Enquanto se debatia para respirar, o homenzarrão uivou o seu triunfo, erguendo a arma para o golpe mortal que dividiria o elmo do romano em dois e lhe racharia a cabeça, mas apenas cambaleou e caiu ao mesmo tempo que um impacto de força inimaginável o deixava tombado de costas. O projétil de artilharia falhara Marcus por centímetros antes de perfurar a cota de malha do grandalhão, alojando-lhe uns bons dois terços do seu comprimento no peito, um tiro de sorte disparado ao acaso na direção das figuras em luta, recortadas contra a luz na abertura do portão, por algum artilheiro frustrado, no declive distante. O chefe debateu-se para voltar a pôr-se de pé, não conseguindo ir além de um joelho. Baixou estupidamente os olhos para o projétil que lhe saía do corpo, sentindo a força abandoná-lo juntamente com o sangue que lhe escorria do peito, depois dirigiu a Marcus um olhar de súplica ao mesmo tempo que deixava cair o machete e o escudo, estendendo os braços, pronto para o golpe de misericórdia. O romano olhou-o nos olhos por um momento antes de assentir e, depois, largando o gládio, empunhou a *spatha* com ambas as mãos para separar a cabeça do líder tribal gravemente ferido do resto do corpo com um golpe de carrasco. O guarda-costas do defunto parou de lutar e afastou-se do prisioneiro exausto, deixando cair a espada e prostrando-se sobre a terra. Juntando as suas forças, o bárbaro ergueu a espada, olhando para Marcus à espera de uma decisão. O centurião abanou a cabeça, com cansaço, puxando o homem enorme para fora da abertura fatal do portão antes que outros projéteis lhes pudessem ser dirigidos, sentando-se pesadamente sobre as ervas, de corpo subitamente trémulo ao mesmo tempo que a implacável urgência de lutar se lhe extinguia no sangue, deixando-o a tiritar ao calor da tarde.

...

— DEIXA QUE ME CERTIFIQUE DE QUE COMPREENDI ISTO PLENAMENTE. Uma vez aberto o primeiro portão, levaste meia dúzia de soldados e carregaste como se tivesses fogo no rabo, ignorando as instruções para aguentar e deixar as coortes da legião avançarem?

O primeiro lanceiro Sextus Frontinius fitou Marcus com um olhar feroz desde a sua secretária, erguendo um sobrolho num convite silencioso ao comentário.

— Sim, Primeiro Lanceiro.

— E em consequência de teres desobedecido às tuas ordens, continuaste, tomando os dois portões que os regulares deveriam capturar, assim que tivesses feito o arrombamento inicial e desobstruído o caminho para eles?

Marcus manteve o rosto empedernido, bem consciente do temperamento brusco do primeiro lanceiro. Desviou os olhos da parede do hospital de O Morro, visível através da janela aberta do gabinete, para o pesado torque dourado pousado sobre a secretária do primeiro lanceiro. Frontinius captou a rápida olhadela e o seu rosto endureceu.

— Deixa lá a joalheria, Centurião, responde só à pergunta.

— Sim, Primeiro Lanceiro.

— E para terminares em beleza, também enfrentaste o líder tribal dos Carvetii em combate individual?

— Sim, Primeiro Lanceiro, embora deva salientar que não posso...

— ... ser considerado responsável pela sua morte? Sim, eu li o despacho que Julius enviou antes do teu regresso, pelo que tive um dia para ponderar as implicações desta última façanha. Ele deteve um projétil no meio da luta. Alguém tem alguma coisa a acrescentar a esta história de desobediência a ordens e triunfo glorioso?

Rufus falou rapidamente, em tom ligeiro:

— Sim, Primeiro Lanceiro. Devias ter visto a cara do Tribuno da Legião Antonius... ele tinha uma coroa dourada, bem areada e pronta para entregar a qualquer dos seus oficiais que fosse o primeiro homem a subir à última muralha do forte e acabou por ter de a guardar outra vez, de outro modo tinha de a entregar ao centurião de uma coorte auxiliar.

Marcus sacudiu a cabeça com pesar à recordação do espanto do tribuno da legião ao ouvir que os tungros tinham tomado o forte da colina em menos de dez minutos, e apenas com uma mancheia de baixas. Do outro lado da secretária, o primeiro lanceiro afastou o seu olhar atónito dos quatro centuriões em sentido diante dele, ainda com as cotas de malha da marcha de regresso de O Morro, para o teto baixo do seu gabinete

no quartel-general da coorte, antes de fitar novamente o objeto da discussão. Marcus manteve os olhos firmemente fixados na vista através da janela aberta e o rosto inexpressivo.

— Bem podes abanar a maldita cabeça, Centurião. Uma vez mais apresentas-me uma charada final, jovem. Uma vez mais permiti que saíesses para o terreno, para te ver voltar com a tua reputação aumentada e o teu perfil levantado. Atraíste mais atenção para ti do que tu e a tua coorte consegue suportar. É um mistério para mim que não tenhamos todos sido presos há meses... — esfregou pensativamente a cabeça calva, virando-se para Julius: — Eu sei que o Tribuno Antonius não é o oficial mais perspicaz sob cujas ordens já serviste, mas decerto que até ele poderia ver que há alguma coisa de errado acerca de um homem tão obviamente romano a servir numa coorte auxiliar...

O seu substituto encolheu os ombros.

— Na verdade, Primeiro Lanceiro, acho que ele estava algo preocupado com o facto de um bando de auxiliares ter sacado qualquer glória que houvesse em eliminar o que restava dos Carvetii mesmo sob o seu nariz.

O primeiro lanceiro meditou no comentário por um momento.

— Sim. Com um pouco de sorte ele terá estado demasiadamente ocupado a tentar descobrir como se irá alguma vez distinguir o bastante para obter o comando da sua própria legião, e não a olhar para ti com atenção, Centurião Corvus. Muito bem, é melhor eu ir fazer o relatório ao Prefeito. Vocês os quatro podem ir preparar-se para marchar até à costa, amanhã. Tivemos notícia de que os nossos substitutos chegaram da Alemanha, por isso o melhor é irem buscá-los ao Lugar dos Árabes antes que alguém menos merecedor descubra que eles chegaram e faça com que se vão embora. E tu, Corvus, podes refletir sobre se existe alguma forma de conseguires fazer uma simples marcha até à costa e voltar, sem dominar ou bater mais nenhum bando de guerreiros bárbaros. Dispensado.

Os quatro homens saudaram e abandonaram o gabinete, dirigindo-se para a messe dos oficiais. O mais velho dentre eles, um veterano atarracado de cabelo cinzento, pôs um braço em volta dos ombros de Marcus e afagou-lhe afetuosamente o cabelo negro como carvão.

— Não te preocupes, jovem Marcus, eu estive a observar como um falcão aquele aristocrata incompetente e juraria que ele nunca fez a associação. Vamos lá beber um copo, hein? Tu e eu temos novas centúrias para recolher amanhã, oitenta rapazes tungros, todos grandes e fortes, e um ponto final nas marchas ao lado das nossas antigas centúrias enquanto outros homens

desfazem todo o nosso belo trabalho. — Baixou a cabeça para se desviar da palmada brincalhona de Dubnus. — Com exceção dos presentes, é claro.

O PRIMEIRO LANCEIRO FRONTINIUS PERCORREU O CAMINHO DESDE O EDIFÍCIO do quartel-general até à residência do prefeito com uma expressão pensativa no rosto, transportando o pesado torque numa mão. O novo prefeito fora colocado para assumir o comando da coorte menos de duas semanas antes, um posto deixado vago pela promoção do anterior oficial no comando para chefiar a 6.^a Legião, no início desse mesmo verão. Os dois homens mal tinham começado o processo gradual de se conhecerem mutuamente, tão essencial se quisessem liderar a coorte com sucesso assim que voltassem a juntar-se à luta com os rebeldes a norte da muralha, e contudo havia já qualquer coisa no homem que o fazia sentir-se desconfortável. Ao contrário do seu anterior prefeito, agora *legatus* do 6.^a Legião Imperial e conhecedor dos segredos por detrás da posição do centurião Corvus na coorte, Gaius Rutilius Scaurus não fizera nenhuma tentativa de procurar qualquer espécie de relacionamento com o seu primeiro lanceiro.

Fez um aceno com a cabeça às sentinelas que montavam guarda à residência e entrou na sombra fresca do edifício, ficando à espera enquanto o taciturno guarda-costas germânico foi buscar o seu amo. Após um momento de espera, o seu superior surgiu à porta do seu gabinete. Um homem alto, nos seus trinta e poucos anos, com um rosto magro, quase ascético, envergando uma simples túnica branca com a fina faixa púrpura no ombro esquerdo, denotando que era membro da classe equestre. Os olhos de Scaurus eram de um cinza húmido, e a sua expressão, aparentemente suave, incrustada sob o cabelo negro num rosto estreito, deixava o primeiro lanceiro inseguro sobre se o haveria de classificar como aristocrático ou simplesmente fraco, mas a sua atitude era confiante e a sua voz era culta, quase urbana.

— Primeiro Lanceiro. Não quer entrar e juntar-se a mim?

Frontinius entrou no gabinete do prefeito, aceitando uma caneca de água e sentando-se do lado oposto ao do prefeito. A sala era iluminada por uma única candeia, e as suas sombras exerciam pressão sobre os dois homens. O prefeito Scaurus sentou-se do outro lado da secretária, com a face meio iluminada pelo brilho suave da candeia, e bebeu um gole da sua própria caneca antes de falar.

— O destacamento voltou, ouvi dizer. Presumo que a tarefa de lidar

com os locais correu de forma suficientemente satisfatória, uma vez que parece não termos sido inundados de feridos?

— Sim, senhor. Fizemos a nossa parte como solicitado, entrámos no forte e lidámos com os defensores com bastante facilidade. Três mortos e meia dúzia de feridos, nenhum deles com gravidade suficiente para precisar de ser transferido para o Vale Estrepitoso. A maior parte com ferimentos superficiais. Os oficiais conseguiram também recuperar isto... — Pôs o pesado colar de ouro sobre a secretária do prefeito, observando o outro homem pegar-lhe e inspecionar as cabeças de touro finamente trabalhadas que fechavam ambas as extremidades do torque. — ... Um belo donativo para o clube funerário.

O prefeito voltou a colocar o torque em cima da secretária e assentiu com satisfação, mas as suas palavras seguintes puseram o mais velho instantaneamente de sobreaviso.

— E o Centurião Corvus?

— Prefeito?

— Eu disse: «E o Centurião Corvus?» Com isso, Primeiro Lanceiro, queria eu perguntar-lhe como foi que o nosso oficial mais jovem se portou durante a derrota dos Carvetii.

Frontinius remexeu-se com desconforto.

— O Centurião Corvis desempenhou um papel relevante na ação...

— Apesar de ter ido apenas pela experiência, ahn? O meu homem Arminius diz-me que o rumor em redor do forte é que Corvus fez em quinhentos batimentos de coração o que as coortes da legião poderiam ter labutado para conseguir fazer em cinco mil, e com bastante mais baixas, se os nativos tivessem conseguido fechar os portões da paliçada. E que um certo tribuno da legião foi desfeito de forma bastante espetacular pela sua incapacidade de recompensar um dos seus próprios centuriões por ter posto fim à campanha. O que, para nós os dois, provavelmente seria apenas mais uma história, só que eu tenho andado a ler o diário de guerra da coorte, Primeiro Lanceiro Frontinius. — Ficou em silêncio por um momento, fitando Frontinius com um olhar direto, sem piscar os seus olhos cinzentos enquanto examinava o subordinado. — E, no registo de guerra desta coorte, até à data, o seu homem, Corvus, parece ter desempenhado um papel relevante em praticamente tudo o que aconteceu nos últimos seis meses. Deve ser bem popular entre os seus colegas, para nem falar das tropas.

Um silêncio desconfortável prolongou-se por vários segundos até que o prefeito falou novamente:

— Enquanto lia o relato das ações da sua coorte no início da campanha, comecei a perguntar-me duas coisas, Primeiro Lanceiro. Comecei a perguntar-me como é que apenas um homem poderia transtornar tanto os planos do inimigo...

— Ele era comandante da centúria de reconhecimento, Prefeito, e por isso estava sempre a ir...

— E, ainda com maior relevância, Primeiro Lanceiro, dei comigo a pensar em como diabo ele conseguiu evitar ser visado para a sucessão de oficiais mais velhos que devem ter ouvido falar das suas façanhas e decidido que queriam saber mais sobre este seu notável jovem centurião. Tenho a certeza de que compreende a minha ponderação destas questões acerca desta minha coorte, dado que é minha responsabilidade garantir a sua total lealdade ao imperador.

O primeiro lanceiro abriu a boca para responder, mas encontrou-se impedido de o fazer pela mão erguida do prefeito.

— Antes de responder, Primeiro Lanceiro Frontinius, tenho uma outra pergunta em que tenho estado a magiciar. E eu teria muito cuidado com a resposta, se dá valor ao seu lugar aqui. Por que razão, pergunto-me, me encontro eu a comandar uma coorte que tem um oficial que, neste preciso momento, é ainda perseguido pela polícia secreta do imperador como traidor ao trono?

Frontinius permaneceu num silêncio aturdido por um momento, e o rosto do prefeito ficou obscurecido pela falta de resposta.

— Vamos lá, homem, até que ponto achas que eu sou estúpido? O homem é obviamente romano. O nome «Marcus Tribulus Corvus» cheira a falso, e foi abençoado com uma habilidade e velocidade nas armas que certamente lhe terá custado dez anos de treino com os melhores mestres. Na realidade, ouço dizer que o filho do Senador Appius Valerius Aquila, homem de elevada posição e reputação, que foi torturado e executado por traição no início deste ano, é conhecido por ter passado a maior parte da sua juventude a adquirir capacidades de combate ministradas pelos gladiadores fiéis ao pai como preparação para servir nos pretorianos. Sabe-se que foi enviado para a Britannia, sob falsas ordens, apenas algumas semanas antes da morte do pai às mãos dos investigadores do imperador. E, Primeiro Lanceiro, ele é conhecido por se ter esfumado no ar após duas tentativas de o matarem, ambas terminando com derramamento de sangue de outros, mas não, aparentemente, o da vítima pretendida. E crê-se que este Valerius Aquila, que tinha mais ou menos a idade que o teu «Tribulus Corvus» aparenta ter, beneficiou

do auxílio de tropas locais, e o dedo da suspeita apontava claramente para o antigo *legatus* da Sexta Legião até este ter sido suficientemente imprudente para deixar no campo de batalha a águia da legião e a sua própria cabeça, na primavera passada. Talvez o *Legatus* Sollemnis tenha tido sorte por a sua morte ter sido tão rápida quanto honrosa... — deteve-se, perscrutando o primeiro lanceiro com um olhar demorado e duro. — O homem por *detrás* do trono, Primeiro Lanceiro, continua convencido de que o jovem Aquila se esconde numa unidade do exército, algures no Norte da Britannia. E se ao Prefeito Pretoriano Perennis nunca faltaram motivos para que ele fosse descoberto e morto, a morte do seu próprio filho nesta província, no princípio deste ano, aliada aos extraordinários rumores de que o jovem Perennis tenha aparentemente sido assassinado quando executava um ato de traição, só terá fortalecido essa resolução. Os oficiais frumentários¹ do Imperador vão estar em força na fronteira do Norte, com ordens para matar, não só o fugitivo, mas também os líderes de qualquer unidade militar que se venha a descobrir tê-lo abrigado, e depois castigar o silêncio dos homens dessa unidade. Julgo que ambos sabemos que os rapazes do trabalho sujo nunca recuaram quando se trata de fazer justiça sumária, e imagino que tu acabarias por morrer asfixiado numa cruz, com todos os centuriões da coorte provavelmente já mortos à tua frente. Os teus homens seriam no mínimo dizimados, e quanto ao vosso prefeito anterior, agora o *Legatus* Equitius, segundo creio, também não me preocuparia em calçar os seus sapatos. Assim, Primeiro Lanceiro, é melhor explicares-me por que razão a minha coorte alberga um inimigo do império, e por que diabo deverei tolerar a situação por mais um minuto que seja...

«Começa a falar.

O CRIADO DE MESA DA MESSE DOS OFICIAIS D'O MORRO ESTAVA A DORMITAR, satisfeito, no seu canto, quando a porta se abriu e um centurião se introduziu no espaço iluminado pela candeia da messe e olhou em redor à procura do criado. O recém-chegado era um homem de cabelo grisalho, com uma compleição atarracada, já passado da meia-idade a julgar pelos sulcos do rosto, e à primeira vista parecia mais um comerciante do que um soldado, mas o homem por *detrás* do balcão da messe sabia bem que não era assim.

¹ Os *frumentarii* terão constituído a primeira polícia secreta organizada no Império Romano, muitas vezes sob o disfarce de coletores de milho. (*N. do T.*)

— Criado! Vinho, quatro taças e arranja uma coisa decente se tiveres alguns potes de sobra que sirvam para alguma coisa melhor do que desentupir rabos. Sem dúvida que os nossos irmãos oficiais têm andado a engolir o material pelas goelas abaixo como marinheiros gregos, enquanto nós estivemos fora a defender a reputação da coorte.

Mais oficiais estavam a juntar-se na entrada por detrás dele.

— Mexe o traseiro, Rufius, tenho uma sede que exige serviço imediato.

Julius deu uma palmada no ombro de Rufius e conseguiu ultrapassá-lo para o interior da messe, deixando cair a sua capa sobre uma mesa e espreguiçando-se com genuíno cansaço. Era uma cabeça mais alto do que o homem mais velho, de compleição musculada e atlética, ao passo que a sua densa barba preta riscada de cinzento reforçava o ligeiro ar de pirata do seu rosto. Dubnus atravessou a porta atrás dele, o seu físico, talvez um pouco mais sumptuoso, ainda que parecesse menos confortável do que os seus colegas, ainda não suficientemente à vontade com o seu estatuto mais elevado. O criado sabia por experiência própria que os centuriões eram inconstantes nas suas primeiras semanas com a vara de vime nas mãos, mas rapidamente se tornavam muito assertivos nos dias que se seguiam.

— Vamos, Dubnus, para de te esconder, entra e tira a capa. Agora és um oficial, por isso não é preciso ficar à entrada com um sorriso amarelo como uma maldita virgem convidada para a sua primeira orgia.

Dubnus ofereceu um olhar voluptuoso ao seu irmão oficial e entrou, virando-se para trás para chamar Marcus para dentro com um curioso gesto de deferência enquanto Rufius subia para junto do balcão e batia sobre ele uma moeda de valor aceitável, se não mesmo excepcional.

— Se o teu vinho for digno desse nome, ficaremos aqui a beber a noite toda e tu, Criado, ganharás isto por nos manteres bem abastecidos. Vem cá, Marcus, vem para o bar com o teu braço direito pronto para entrar em ação.

O criado assentiu com deferência. Este era o género de oficial com quem poderia lidar. Sobre o ombro do homem mais velho, viu o mais novo avançar para a luz da candeia. Deuses, que coleção, pensou ele. Rufius, treinado na legião e uma bem temperada mistura de mijo e vinagre; Julius, o supremo guerreiro no auge da sua carreira de combate, todo ele músculos, cicatrizes e confiança; Dubnus, o antigo Escolhido recém-promovido, a calçar os sapatos de um defunto e ainda a adaptar-se ao seu tamanho; e o romano, mais esguio do que os outros, sem a evidente musculatura deles, mas conhecido de todos os homens da coorte pelo respeitoso título de Duas

Facas. Os outros três eram todos bons centuriões, respeitados e temidos pelos seus homens em igual medida, mas o romano era o único oficial no forte que qualquer homem seguiria no perigo sem nunca precisar de uma ordem. Rufius passou uma taça a Julius e a Dubnus, acenando a Marcus para se lhes juntar.

— Agarra lá numa destas taças.

Marcus atrapalhou-se por um momento com o alfinete que unia a capa, e Rufius deitou um olhar conhecedor à pesada peça de joalharia.

— Ainda a usar esse alfinete, hein? Não digas que não te avisei se essa maldita coisa se perder. Julius, deixa-o vir até ao balcão.

Julius virou-se para olhar o jovem centurião quando ele torcia o distintivo decorado para abrir o alfinete. Olhou atentamente por um momento para a réplica ornamentada de um escudo de cavalaria, decorada com uma elaborada imagem gravada de Marte envergando uma armadura completa e de espada em riste.

— Então foi isso que vocês os dois cavalgaram aquele caminho todo para encontrarem. Muito bonito...

Rufius tirou a capa do soldado mais novo e atirou-a para a pilha em cima da mesa.

— É praticamente a única recordação que ele tem do pai. Há também uma inscrição pessoal atrás do escudo, o que o torna ainda mais valioso para ele. Foi a única coisa que conseguimos recuperar de uma trouxa que enterrámos naquela manhã em que Dubnus e eu lhe salvámos a pele perto do Lugar dos Teixos.

O pesado jovem oficial que se erguia por detrás deles riu-se baixinho, esquecendo de súbito o desconforto com a novidade do seu estatuto.

— Dubnus e *eu*? Parece que me lembro de que a única coisa que fizeste foi gesticular com a espada em volta enquanto eu tive de me virar em todas as direções como uma puta de fortaleza em dia de pagamento.

Rufius sorriu, dando uma cotovelada na barriga do amigo.

— Um machete bem lançado a curta distância e a carnificina de um cavalo indefeso e subitamente transforma-se no Horácio Zanolho². Seja como for, a questão é que, quando desenterrámos a trouxa que tínhamos enterrado naquela altura, isto foi a única coisa que lá estava digna de ser guardada... isso e a última mensagem do pai para o rapaz.

Marcus estremeceu com a recordação de abrir o cilindro estanque do

² Segundo a lenda, Públio Horácio Cocles («com um olho só») foi o oficial romano que terá impedido sozinho a conquista de Roma pelos etruscos, no século VI a. C. (*N. do T.*)

cavaleiro e ler algumas linhas da mensagem que o pai lhe enviara da sepultura para o ar frio da madrugada alguns dias antes.

«Quando chegares à Britannia, espero que Cómodo e os seus apoiantes tenham formalizado as acusações de traição contra a nossa família. Eu terei sido torturado para obterem informações acerca do teu paradeiro, e depois morto sem cerimónia ou audição. Apenas posso esperar que os meus acusadores tenham sido mais gentis com a tua mãe e os nossos outros filhos e parentes, embora duvide disso. Este imperador liberta o mal de debaixo das pedras que há muito o ocultam, e poucos homens mostram menos honra nos seus atos do que o teu prefeito pretoriano, Perennis. Seja qual for o feio detalhe do seu fim, os nossos parentes serão levados e mortos sem controlo, a nossa honra publicamente denunciada, e a nossa linhagem quase levada a um final abrupto. És, quase por certo, tudo o que resta do nosso sangue...»

Sacudiu a introspeção momentânea, erguendo a taça de vinho aos seus amigos.

— Chega disso, há vinho à nossa espera. Façamos um brinde, cavalheiros. Aos camaradas tungros, vivos e mortos.

— Vivos e mortos.

Ergueram as taças e beberam.

— Aqui tens um brinde a ti. — Julius levantou a taça e olhou em volta do pequeno grupo com um sorriso irónico. — Eu brindo àquele momento, na Águia Perdida, em que o Tio Sextus começou a esfregar-se na cabeça decepada daquele chefe diante de vinte mil narizes-azuis com ar enlouquecido. Foi nesse momento que tive a certeza de que ia morrer.

Beberam de novo. Rufius deu uma cotovelada em Dubnus.

— É a tua vez, *Centurião*.

Após um momento de meditação silenciosa, o jovem oficial ergueu a sua taça.

— Ao Sortudo, onde quer que esteja neste momento.

Julius bebeu e riu-se estridentemente.

— Não tão sortudo afinal. Todos aqueles anos sem um arranhão apenas para depois um nariz-azul lhe fazer risca ao meio com um machado. Ele ficou a perder, tu a ganhar.

Os quatro homens acenaram com a cabeça em concordância, compartilhando um momento de recordação. Marcus ergueu a sua taça para Rufius com uma expressão de interrogação no rosto.

— E o teu brinde, *Avozinho*?

— O meu brinde...? Vou erguer a minha taça àqueles que amámos e que já não estão entre nós.

Os outros anuíram, erguendo as taças numa saudação silenciosa, Rufius bebendo a sua de um trago e batendo com ela no longo balcão de madeira com um ruído de satisfação.

— Enche outra vez, Criado! Vamo-nos sentar ali, junto ao fogão. O mês de Junius pode ir adiantado, mas está um maldito frio, embora isso não importe.

— TUDO COMEÇOU NO PASSADO MÊS DE FEBRUARIUS, PREFEITO. UM DOS meus escolhidos trouxe um jovem com roupa de camponês até ao portão principal do forte...

Frontinius contou ao prefeito Scaurus a história da luta de Marcus para conquistar um lugar na coorte em frases rápidas e concisas, tomando o cuidado de não exagerar as suas recordações de forma nenhuma. Quando a história chegou ao fim, Scaurus sentou-se em silêncio por um momento antes de falar.

— Primeiro Lanceiro, apresentas-me um dilema maior do que qualquer outro enigma com necessidade de uma solução durante os meus anos de aprendizagem.

Um longo silêncio pairou no ar entre eles. Frontinius achou melhor manter-se calado enquanto esperava que o prefeito retomasse o que ele esperava que fosse uma conversa unilateral.

— Ocorre-me que, embora saiba o que fizeste, ainda não compreendo porquê. Por isso, Primeiro Lanceiro Frontinius, ajuda-me a compreender a tua decisão a respeito deste fugitivo à justiça imperial. Leva o tempo que precisares...

O prefeito levantou-se da cadeira e caminhou de um lado ao outro da sala, virando-se para olhar diretamente o seu centurião sénior nos olhos. Agora, tinha o rosto na sombra, indecifrável, ao passo que a candeia atrás dele lhe mostraria quaisquer emoções que cruzassem o rosto do primeiro lanceiro. O primeiro lanceiro ponderou a sua resposta por um momento até abandonar qualquer ideia de tentar colocar a história sob qualquer luz em particular.

— Quer saber porque concordei em permitir que um homem procurado por traição se refugiasse na coorte. Não há uma única razão, mas vou tentar tornar claro por que fiz aquilo que fiz. Suponho que podemos ignorar o facto que ambos, o homem e o seu pai, estavam inocentes das

acusações feitas contra a família, embora eu esteja convencido de que era esse o caso...

Scaurus encolheu os ombros com indiferença.

— É imaterial, Primeiro Lanceiro. Ele poderia ser puro como uma vestal e isso não mudaria nada. A minha questão não era acerca da sua culpa, largamente aceite, eu quero é saber a razão de ele estar aqui.

Frontinius assentiu.

— Muito bem. Em primeiro lugar, foi o meu prefeito, Septimius Equitius, que me solicitou, e ele é um homem em cujo julgamento eu aprendera a confiar durante o tempo em que estive no comando, aqui. Ele tinha uma dívida de honra para com Sollemnis, o antigo *legatus* da Sexta Vitoriosa. O *legatus* era o verdadeiro pai do rapaz, e esta foi a forma pela qual lhe foi pedido que pagasse essa dívida. E não tome isto erradamente por uma tentativa de atirar as culpas para o *Legatus* Equitius. Se, no futuro, eu tiver martelo e pregos à minha espera, encarregar-me-ei da minha própria morte. Por mais prolongada que a agonia possa ser, só posso passar o rio uma vez. A única coisa que estou a tentar dizer é que havia um homem de honra envolvido na decisão.

Interrompeu-se por um momento, escolhendo a sua próxima linha de ataque.

— Havia também vantagem para coorte. Eu exigi ao *Legatus* Sollemnis um preço pela aceitação de Corvus para além da larga soma de dinheiro com que ele contribuiu para o fundo funerário. Corvus foi acompanhado até aqui por um centurião da legião, que não há muito se retirara, na verdade um primeiro lanceiro de uma coorte da legião, e eu tornei o seu serviço aqui durante um ano parte do negócio. — Soltou uma risada mansa e obscura, incapaz de resistir ao humor da recordação do sorriso presunçoso de Tiberius Rufius assim que voltou a ter uma vara de vime na mão. — Acontece que o homem teria matado com as suas próprias mãos pela oportunidade de voltar a gritar a plenos pulmões para uma centúria. Eu teria dito a palavra difícil ao Prefeito Equitius se não tivesse visto alguma coisa no rapaz, e nem a sua honra, nem o ouro, e nem mesmo o bônus de mais um centurião com que o acordo docemente se concluiu me teria influenciado. Não sou suficientemente estúpido para arriscar a minha vida e a dos oficiais com quem sirvo, pelo menos sem uma boa razão.

Scaurus mudou de posição, olhando-o fixamente nos olhos.

— Que razão?

Frontinius devolveu-lhe o olhar fito, duro como sílex naquela meia-luz.

— Ele é um soldado nato, Prefeito, pura e simplesmente isso, um soldado nato. Passei a maior parte da minha vida adulta atrás de recrutas em torno destas colinas, ensinando-os como haveriam de dar ferro aos bárbaros que ameaçavam o seu povo. Vi milhares deles, bons, maus e indiferentes, e digo-lhe, agora, sem hesitação, que ele é o guerreiro mais capaz que alguma vez encontrei, e o melhor líder ainda por cima. Sabe o que fazer, e fá-lo sem hesitação, é mais veloz e mais talentoso com uma lâmina do que qualquer outro homem que eu conheci. Os homens da sua antiga centúria cobrir-lhe-iam o rabo com os escudos, mesmo se com isso corressem o risco de eles próprios serem apanhados por uma lança. Se os dados tivessem rolado de outra maneira, teria chegado a comandar uma legião sem esforço...

Interrompeu-se, incapaz de ler a expressão do prefeito na sombra.

— O senhor não esteve na batalha da Águia Perdida, Prefeito, mas se tivesse estado não me estaria a pedir para explicar a minha decisão. Quando tiver a possibilidade de o ver lutar, saberá o que quero dizer quando lhe digo que jamais verá um homem lançar o seu ferro com tanta graciosidade, ou tanto propósito.

O prefeito riu brandamente.

— Muito poético.

Frontinius abanou a cabeça, desdenhosamente.

— Que se lixe a poesia, trata-se de um simples facto. E, agora, Prefeito, já brinco comigo por tempo que chegue. Tomou a sua decisão, agora tenha a decência de me dizer qual ela é. Se me quer numa cruz, será assim que partirei desta vida. Mas aviso-o, se planeia prendê-lo, é melhor ter algum bom trunfo na manga porque há pelo menos uma centúria de tungros que vão preferir enegrecer o chão com o seu próprio sangue e o de quem se atravessar no seu caminho a ficarem quietos a ver isso acontecer.

MUITO PARA NORTE DA MURALHA ROMANA, CUJAS PEDRAS ELE TINHA TÃO recentemente pisado como conquistador, na clareira de uma floresta não muito diferente daquela onde a guerra fora posta em marcha poucos meses antes, Calgus, senhor das tribos do Norte, defendia a sua posição contra uma oposição crescente. Enquanto um dos líderes tribais ousava falar contra ele, meia dúzia de outros rostos implacáveis dispunham-se por detrás do velho, refletindo a sua sombria obstinação. Calgus abanou a cabeça e

franziu o cenho ao velho, erguendo as mãos e os olhos para os céus como se buscasse a orientação dos deuses.

— Não, Brennus. Nós não perdemos esta guerra. Na verdade, esta guerra mal começou, e no entanto já temos dois esplêndidos troféus para exhibir diante do nosso povo.

O rei da tribo dos Votadini recostou-se com cansaço na sua cadeira, olhando para Calgus sob o capuz de uma pesada capa.

— Como estás sempre a repetir. Espera-se que o meu povo fique feliz com a cabeça de um oficial romano morto e uma ave de metal sem significado espetada num pau quando do que eles precisam realmente é de ter os seus mortos de volta. Isso, e o fim da matança. Consegues a magia de tirar qualquer dessas coisas da tua ave espetada num pau, Calgus? Pelo menos, antes desta guerra, tínhamos paz com os romanos, ao contrário dos teus desordeiros Selgovae. Não existiam quaisquer fortes no nosso território antes desta revolta, enquanto as tuas terras estavam já cravejadas de postos avançados. Argumentaste para que abandonássemos as nossas relações com os romanos, quando tu tinhas já, havia muito, azedado a tua relação com eles, como uma raposa sem cauda a convencer as suas irmãs a cortarem as delas.

O velho olhou em torno para a sua gente, estendendo as mãos com visível desespero.

— Agora, vão espalhar no *nosso* território os seus soldados do mesmo modo que controlam já a terra da tua tribo. Viveremos sob o controlo deles, sem crédito para dirigir os nossos próprios assuntos, mas, pelo contrário, zelosamente vigiados e arrebanhados como o gado em que nos tornaremos.

O velho rei estava a ir mais longe do que Calgus esperara, encorajado pelo facto de saber que tinha apoiantes mais do que suficientes à volta do bosque para dar aos guarda-costas de Calgus uma luta decente e cheio de uma ousadia resultante da combinação da sua irritação com uma aparente segurança. Calgus respirou fundo e recomeçou:

— Eles *costumavam* controlar a nossa terra, mas já não, Rei Brennus. *Pode* recordar-se de que incendiámos todos os fortes em território selgovae nos dois primeiros dias da nossa guerra com estes usurpadores. Os Selgovae acabaram de se libertar da sua presença opressora na nossa terra, e não voltaremos facilmente a cair de novo sob o seu domínio. Os troféus que conquistámos na batalha com os romanos atrairão novamente para nós as tribos do Norte. Eles são os símbolos de um império cada vez mais vulnerável. Eles dizem-nos que as legiões podem ser derrotadas, que nós podemos ser livres outra vez, eles dizem-nos que...

O rei dos Votadini riu-se dele num desafio surpreendentemente claro, fazendo com que Calgus se contraísse de fúria e espanto.

— Eles dizem-nos que tivemos *sorte*, Calgus. Dizem-nos que viraste um romano contra os seus, para levar uma legião para terrenos que os deixava indefesos contra o nosso ataque. Não podemos esperar uma tal fortuna outra vez, se na verdade lhe devo chamar fortuna. Podemos ter derrotado uma legião, mas antes de esse dia ter terminado corríamos como galinhas assustadas com mais duas legiões no nosso encalço, mais a maldita cavalaria. As suas lanças tiraram-me um filho, um filho que não voltarei a ver nunca mais graças a esta tua aventura. Um filho cuja cabeça terá sido levada pelos seus soldados para decorar alguma caserna...

O seu sobrinho Martos, um guerreiro de rosto marcado por cicatrizes e com uma reputação temível na batalha, fitou Calgus por detrás da cadeira do seu tio com uma expressão de raiva mal disfarçada, com meia dúzia de homens seus atrás de si. Brennus voltou a recostar-se na cadeira, olhos nos olhos com Calgus, e num clarão de discernimento o rei selgovae soube que chegara o momento do desafio. Calgus galgou facilmente o terreno entre eles, pairando sobre o velho e curvando-se para lhe falar calmamente na cara. Martos e os seus homens retesaram-se, prontos para sacar as espadas se Calgus chegasse a tocar no líder deles.

— Tens um novo campeão, pois não tens, velho? Poderá ser, talvez, o filho da tua irmã quem está de pé atrás de ti? Ou vais fazer isto à moda antiga e lanças os teus homens sobre os meus e depois se vê quem leva a melhor, ahn?

Brennus olhou para ele cara a cara, sem sinal de medo nos seus olhos.

— Não haverá desafio se concordares em fazer a paz com os romanos. Eles têm, neste momento, duas legiões inteiras no nosso solo, dominam a terra em volta dos seus fortes destruídos na estrada do Norte ao mesmo tempo que começam a reconstruí-los, e ainda assim tu afirmas ter quebrado o seu domínio sobre nós para sempre. Se procurarmos oferecer-lhes resistência, aquelas legiões rolarão sobre nós e esmagar-nos-ão contra este chão sobre o qual nos erguemos.

Abanou a cabeça a Calgus, depois virou-se para os homens atrás de si:

— Esta rebelião terminou! Voltamos ao punho de ferro, mas desta vez não haverá qualquer pagamento de um tributo romano para suavizar a indignidade da nossa perda de soberania. O melhor que podemos esperar é trocar estes malditos despojos da batalha e humildes promessas de paz e

bom comportamento por algum grau de normalidade. Até o fazermos, as suas legiões irão pisar a nossa terra e o nosso povo, procurando sem cessar vingar o orgulho ferido.

Calgus afastou-se, fingindo considerar a sugestão. Era mais do que uma sugestão, é claro, era mais como uma ordem dos líderes das outras tribos dispostas por trás do velho, e uma sentença de morte certa para ele. Se as tribos negociassem com Roma, ele sabia que nada exceto a sua própria cabeça, juntamente com a do *legatus* romano, atualmente dentro de um frasco com óleo de cedro na sua tenda, satisfaria a sede de vingança deles. A não ser que conseguissem apanhá-lo vivo, é claro, destinado a ser longamente humilhado e depois acabar por ser ritualmente executado. Virou as costas para enfrentar os rostos implacáveis com um demorado sorriso oculto.

— Então, haverá paz à custa da minha cabeça. É isso que todos vós querem, suponho que não tenho escolha. E terei a satisfação de saber que o meu sacrifício não será o único que têm de fazer.

Calou-se e esperou, observando uma centelha de compreensão passar pela expressão do velho, enquanto os outros em torno dele se franziram de incompreensão.

— Tens reféns?

Calgus sacudiu a cabeça com tristeza.

— Brennus, Brennus, por quem me tomas? Claro que fiz reféns. Uma vez que todos são culpados pela nossa derrota, todos podem pagar o preço da nossa rendição. Se me traírem, traem os membros mais chegados das vossas famílias. — Apontou para todos os homens, um de cada vez. — Os vossos filhos nunca atingirão a maioridade. A vossa mulher nunca mais vos aquecerá a cama. As vossas filhas nunca voltarão a correr para os braços dos seus pais. E, para ser bastante claro, todos deixarão esta vida de forma demorada e difícil. Mandei que homens indicados para o efeito se certificassem disso. — Abriu completamente os braços, abrangendo a reunião com uma sorridente careta feroz. — Assim, se quiserem levar a minha cabeça aos vossos pretensos amigos romanos, força.

Esperou dez longos segundos que alguém se mexesse.

— Bem me pareceu que não. — Aproximou-se do ancião sentado, com um olhar ameaçador em lugar do sorriso. — Nesse caso, vamos lá voltar à primeira forma, não é melhor? E no caso de algum de vós ser tentado a espetar-me uma espada nas costas, aviso-vos de que se os homens que detêm os membros da vossa família não receberem qualquer mensagem

da minha parte, como é esperado, estarão a matar os vossos entes queridos exatamente como se lhes tivessem espetado vocês próprios uma faca.

Brennus levantou os olhos para ele com uma expressão de horror e repugnância.

— Esperas mandar em nós desta forma para sempre, Calgus?

— *Para sempre*, Brennus? Claro que não! Mas *irei* manter-vos sob controlo pelo tempo suficiente para que possamos terminar o trabalho que começámos. Os romanos podem ter vinte mil soldados irritados no campo, mas estão em terreno desconhecido, numa região cheia de tribos hostis, e as legiões do Sul e de Oeste não podem ficar aqui para sempre. À primeira suspeita de problemas nas suas próprias zonas, o governador enviá-las-á de volta às suas fortalezas, deixando à Sexta Legião e aos auxiliares a missão de aguentar a linha. Pelo final do verão tê-los-ei encurralado detrás da muralha, e então veremos se o teu povo ainda quer a paz nos termos de Roma. Retalharei os nossos invasores pedaço por pedaço, farei com que lamentem o desejo de se expandirem para as nossas terras e *mandá-los-ei* embora com o rabo entre as pernas. E tu, Brennus, todos vocês, tolos, deveriam preocupar-se menos acerca do *para sempre* e mais acerca dos próximos dias.

MARCUS ESTAVA AINDA A DISCUTIR COM OS SEUS AMIGOS A MARCHA DO dia seguinte até ao Lugar dos Árabes, quando o ordenança do prefeito entregou um pedido educado para o centurião se juntar ao prefeito Scaurus e ao primeiro lanceiro na sua residência. Regressou aos seus aposentos, vestiu uma túnica limpa e subiu apressadamente a colina no preciso momento em que a calma obscuridade da tarde finalmente se rendia à noite, e as tochas estavam a ser acesas ao longo das ruas do forte. No interior do edifício, foi conduzido aos aposentos privados do prefeito, onde teve a surpresa de encontrar Scaurus sentado defronte de Frontinius, com uma espada desembainhada no colo. Na outra extremidade da sala erguia-se uma estátua com trinta centímetros de altura, rodeada por um anel de pequenas velas. Representava um homem no ato de matar um touro com uma faca, a mão esquerda a puxar a cabeça do animal para trás enquanto a outra empunhava a faca enterrada na garganta do animal. O primeiro lanceiro indicou, com um aceno, a cadeira colocada frente aos dois.

— Senta-te, Centurião.

Ele sentou-se dirigindo um olhar interrogativo aos dois homens,

suspeitando já da razão da convocatória. O prefeito cumprimentou-o com um aceno de cabeça, batendo levemente sobre a lâmina da espada.

— Perdoa a natureza rude deste encontro, Marcus Valerius Aquila, mas, dadas as circunstâncias, decidi que não tomar precaução seria imprudente.

Marcus manifestou a sua compreensão com um aceno, mantendo os seus olhos fixados nos do prefeito.

— Saberá a razão por que lhe pedi que se juntasse a nós...?

Ele assentiu novamente.

— Descobriu o meu segredo, Prefeito, e quer falar comigo antes de decidir o que fazer comigo.

O oficial mais velho ergueu o sobrolho.

— Está a assumir que ainda não tomei essa decisão.

— Sim, estou. Se já tivesse decidido prender-me, eu teria dado por mim na ponta de uma espada, sem aviso, de mãos atadas, e depois atirado para as celas de castigo por segurança. E se já tivesse decidido ignorar a minha situação, provavelmente eu nem estaria aqui, o senhor teria acordado com o primeiro lanceiro a melhor maneira de me manter longe de sarilhos. Tal como as coisas são, o senhor tem uma espada pronta para utilizar, o que implica desconfiança a respeito das minhas eventuais ações ou falta de confiança nas suas próprias capacidades. Ou ambas as coisas.

Scaurus riu-se, lançando um rápido olhar a Frontinius.

— Confiante mesmo face a uma execução, Valerius Aquila?

— Vivi na perspectiva de uma morte injusta, como a que visitou o meu pai, a minha mãe, o meu irmão, as minhas irmãs, o meu tio e os meus primos, durante vários meses. É difícil ficar assustado durante tanto tempo, Prefeito.

Calou-se e esperou que o prefeito falasse. Scaurus olhou-o nos olhos por um momento, depois encolheu ligeiramente os ombros e continuou:

— Como tu, eu nasci e fui educado em Roma. Ao contrário de ti, embora eu seja descendente de uma linhagem antiga e respeitada, não nasci numa família rica. O nosso clã passou tempos difíceis durante o Ano dos Quatro Imperadores. O meu antepassado teve a infelicidade de apoiar o homem errado há cem anos, e o Imperador Vespasiano fê-lo pagar por isso com severidade suficiente para, durante algum tempo, não ter sido certo se o nome da família sobreviveria de todo. Conseguimos andar para a frente bastante bem desde então, mas nunca fomos suficientemente bem relacionados para ir muito além do costumeiro serviço imperial, uma existência bastante esfarrapada para uma família cuja linhagem remonta a quase

setecentos anos atrás, ao derrube do último rei da cidade. A minha mãe morreu ao dar à luz e o meu pai foi morto em serviço na fronteira germânica quando eu era jovem, e assim me encontrei a viver com a família do meu tio, sendo para ela essencialmente um fardo e, se não rejeitado, dificilmente recebido de braços abertos. Era inevitável que eu procurasse uma forma de escapar à sua caridade, e encontrei-a na proteção de um homem de grande poder.

Interrompeu-se, e um meio-sorriso aflorou-lhe os lábios enquanto examinava os seus ouvintes.

— E agora estão a perguntar-se de que forma me prostituí para fazer esse relacionamento. O que era, exatamente, que eu tinha para oferecer a um homem mais velho que o fizesse levar-me para sua casa e tratar-me como a um filho? O que lhe dei eu em troca pelo estatuto e o favor que ele me concedeu? — Riu-se com aspereza. — Vivi metade da minha vida entre olhares enviesados e insinuações, mas na verdade o meu benfeitor apenas me deu uma oportunidade. Arrancou-me a uma vida destinada a desapontar todos os envolvidos, a mim em primeiro lugar, e levantou-me o rosto para ver quão alto eu poderia subir. Fez isso porque viu alguma coisa na minha impetuosidade que acreditou merecer o seu tempo e esforço para fazer frutificar. Olhou nos olhos um jovem insatisfeito e viu um guerreiro à espera de ser libertado.

Pôs-se de pé, erguendo a espada para apontar a estátua complexa que se erguia no meio do anel de pequenas chamas brilhantes.

— Ele fez uma pequena alteração na minha vida, quase insignificante comparada com aquilo por que passaste, Valerius Aquila, mas de impacto tão profundo quanto os traumas que sofreste. Ele conduziu-me ao culto do deus Mithras, o Sol Invicto, o verdadeiro deus do soldado, e ao fazê-lo deu-me o propósito que me faltava. Não te vou aborrecer com as mudanças que o meu serviço a Mithras forjou na minha vida, mas dir-te-ei o seguinte: a sua decisão de me dar a oportunidade de me reabilitar levou-me ao caminho que continuo a seguir, uma vida ao serviço de Mithras e ao código guerreiro seguido pelo meu patrocinador e os seus irmãos. Homens que, através do meu serviço ao deus, se tornaram também meus irmãos.

Olhou a estátua por longo tempo antes de continuar:

— Que nenhum de vós subestime Mithras. Estive em mais de uma situação apertada, com homens mais fracos à minha volta reduzidos a alguma coisa próxima do pânico, incluindo alguns nomeados para liderar os seus camaradas na guerra, e a minha fé nele manteve-me firme a

mão da espada, preparada para explorar as oportunidades que ele sempre providencia.

Voltou-se, apontando a comprida lâmina da espada diretamente a Marcus.

— Consigo ver em ti o mesmo inquieto propósito que eu sentia há quinze anos, e que o meu patrocinador escolheu aproveitar para servir o nosso deus. Podes fazer grandes coisas, Valerius Aquila, ou podes continuar no presente caminho e acabar por ser descoberto e condenado à morte juntamente com aqueles que te habituaste a ver como teus irmãos. Cada dia que permaneceres aqui é outra moeda lançada ao ar, outra oportunidade de a cabeça do Imperador ficar virada para baixo e destruir tudo que te é querido. Tenho uma escolha para te apresentar: servir um deus nobre e perseguir o ideal do soldado ou ficar por aqui até ao dia em que o teu esconderijo seja descoberto.

Deteve-se um instante, erguendo um sobrolho ao jovem.

— Ofereces-te para... me *protegeres*, Prefeito?

O prefeito sorriu, e a alvura dos seus dentes relampejou na obscuridade.

— Ofereço-te mais do que isso, Valerius Aquila. Ofereço-te amizade, um género de parentesco se quiseres. Nunca poderei substituir a tua família, mas posso dar-te algo a que podes pertencer sem que isso seja constantemente posto em perigo pela tua simples presença.

— E o preço a pagar por isso será afastares-me deste lugar e destas pessoas?

— Quando chegar o momento, ir-te-ás embora daqui.

Marcus franziu ligeiramente o sobrolho.

— Há uma senhora...

Scaurus assentiu.

— Eu sei. O Primeiro Lanceiro Frontinius elucidou-me em relação a esse assunto. E, quando o momento chegar, ela pode acompanhar-te seja para onde for que viajes, se for essa a sua vontade. Mithras deseja o teu serviço, para que vivas a vida de um guerreiro, não para te afastar do mundo. Há espaço na tua vida tanto para o teu deus, como para a tua mulher.

Marcus anuiu devagar, de rosto franzido em meditação.

— É uma oferta generosa, Prefeito Scaurus, embora ainda esteja a perguntar-me de que forma me pode proteger dos perseguidores do império.

Scaurus sorriu de lábios apertados.

— Também eu, dado o teu visível talento para chamar as atenções sobre ti. Com o tempo, compreenderás melhor as duas forças, as que te

perseguem e as que te denunciam, mas por enquanto bastará que confies em mim. Então, qual é a tua decisão?

Marcus pensou demoradamente, fitando as sombras da sala.

— Farei como me pede, Prefeito. Segui-lo-ei como ordenar, servirei o seu deus da melhor maneira que me for possível.

Scaurus assentiu resolutamente.

— Ótimo. Talvez desta forma sejamos capazes de proteger-te dos cães de caça do trono, e evitar o perigo de os teus amigos e camaradas serem mortos juntamente contigo. Quanto a como te iremos conservar longe do escrutínio público, é um problema completamente diferente.